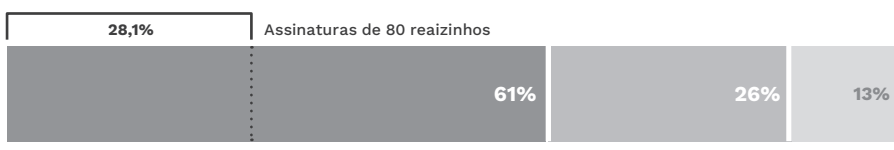






DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS ● R\$ 7.114,13

R\$ 70 Marta Neves; Pedro Aogoli; Mirna Schuler; Aurélio Kubo; Wagner Eduardo Estácio de Paula; **R\$ 80** Taciana Boni; Thiago Takumi; Iuri De Sá; Quinho Castro; Gabriela Queiroz Oliveira; Pedro Carvalho; Constância Duarte; Gabriel Bartolomeu; Camila Garcia Clementino; Anna Luiza Gotlieb; Luiz Felipe Moraes Landim; Aaron Guy Moi da Cunha Santana; Monique Araujo de Brito; Anthony Portes; Jhonatan Janiszewski; Daniela Pinheiro Machado Kern; René Henrique Götz Licht; Marcos Beccari; Dagmar Spring; Karina Ripoli; Andréa Vila-Lobos Gomes; Raphael Cerqueira Silva; Cezar Tridapalli; Vitor Almeida dos Santos; Rafael Parreira; Diogo Vinicius Santiago Tavares; Max Martins; Jânio Nascimento; Luane Martins Belarmino; Leila Kelly; Jessyca Magalhães; Danilo Araújo; Wagner Eduardo Estácio de Paula; Luana Linhalis; Felipe Peregrina Puga; Fernando Maatz; Gelli Grazielle Silva Oliveira; Diana Joucovski; Wilian Fernandes Pereira; Lívio Pereira; Edson Valente; **R\$ 89** Lis del Barco; **R\$ 96** Anna Terra; Fernando Belíssimo; **R\$ 100** Marcos Franceschi; Fernanda Celuppi; Lucas Gomes; Marcelo Malucelli; Sandro Martins Ayres; Rômulo Cardoso; **R\$ 113,13** Mariele Groxko; **R\$ 120** Aline Curi; Vitor Cei Santos; Gustavo Luiz; Geraldo Orthof; **R\$ 150** André Greca; **R\$ 160** Hadna Cruz; Eduardo Tesseroli; Murilo Quadros; Ariane Miwa Miake; Jonathan Nascimento; **R\$ 180** Rodrigo Gonçalves; **R\$ 200** Rinaldo Batista; Luciano Chindo Duarte; **R\$ 240** Gustavo Scussel; Rodrigo Soroca Lopes.

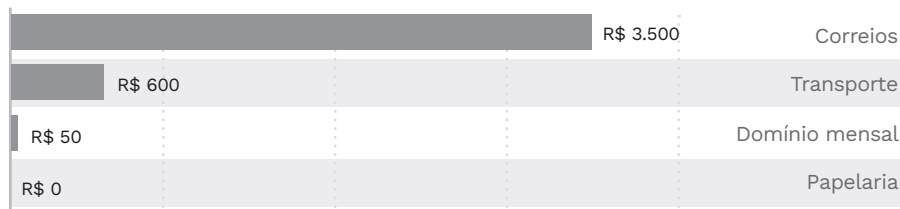
ANUNCIANTES ● R\$ 3.040

R\$ 50 O Alienígena da Amazônia; Rede Macuco; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; Dito & Escritos; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; Alvaro Divardin; **R\$ 200** Domingos Pellegrini; Karla Baptista; **R\$ 300** Basílio Baran; **R\$ 450** Maniacs; **R\$ 1.350** Coruja Buraqueira Livraria & Café.

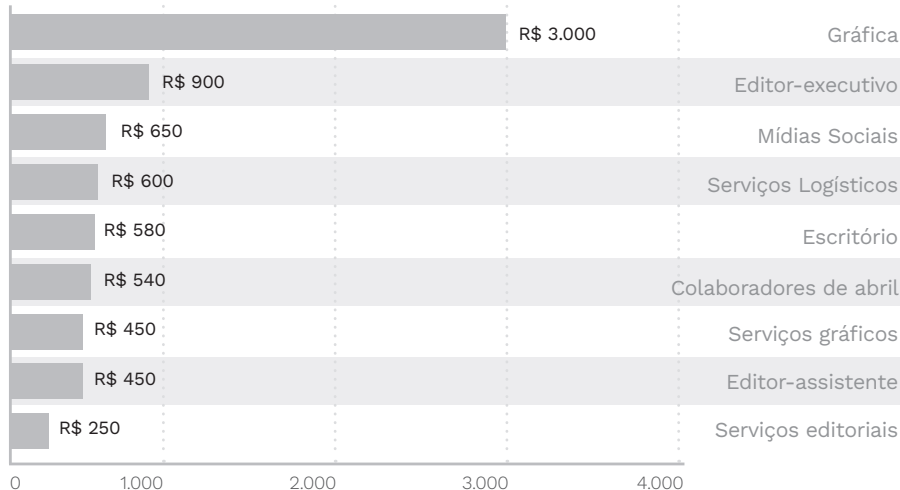
CONSULTORIAS ● R\$ 1.500

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS



CUSTOS FIXOS



OLHA QUE A AREIA DO GATO NEM ENTRA NA CONTA

Entradas totais: R\$ 11.654,13

Saídas totais: R\$ 11.830

Resultado operacional: -R\$ 175,87



EXPEDIENTE

Maio 2026



Editor Daniel Zanella
 Editor-assistente Mateus Ribeirete
 Ombudsman Priscila Branco
 Revisão Às vezes
 Projeto gráfico Bolívar Escobar
 Logística Damaris Pedro
 Advogado Rafael Estorilio
 Impressão Gráfica Exceuni
 Tiragem 5.000

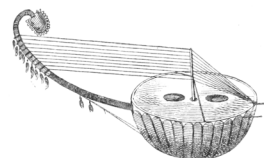
NESTA EDIÇÃO

Diogo Santiago *p.6* Kelem Tavares *p.8* Max Martins *p.10* não pensei *p.15* Virgílio (Trad. Rodrigo Gonçalves) *p.16* Diana Joucovski *p.17* Jacques Gouin de Beauchesne (Trad. Jean Marcel Carvalho França) *p.19* Alexandre Duim *p.22* Andreia C. Faria *contracapa*

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
 Rafael Estorilio
 Celso Martini
 Rômulo Cardoso
 Felipe Harmata
 Amanda Vital
 Whisner Fraga
 Fernanda Dante
 Nuno Rau

Edição finalizada em 27 de abril de 2026.



DAS OBRAS

As ilustrações da edição são de Rodrigues. Você pode conhecer mais do trabalho dele em [instagram.com/sergiorodriguez0377](https://www.instagram.com/sergiorodriguez0377).

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Literata. Os glifos da sua versão latina foram criados pela equipe da TypeTogether liderada por Veronika Burian e José Scaglione.

ASSINE / ANUNCIE

O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes



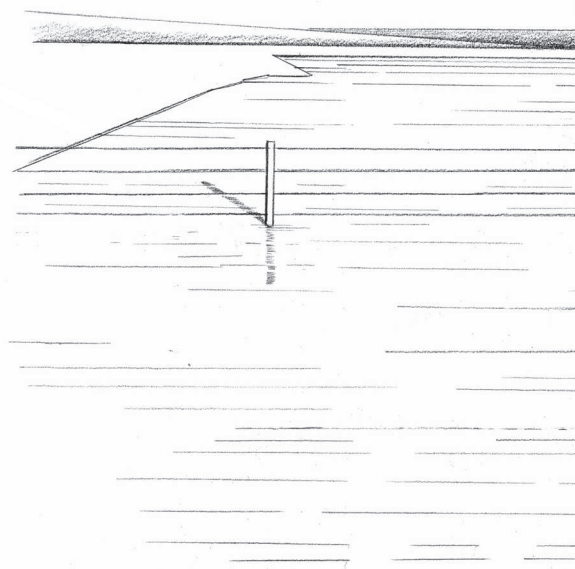
e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

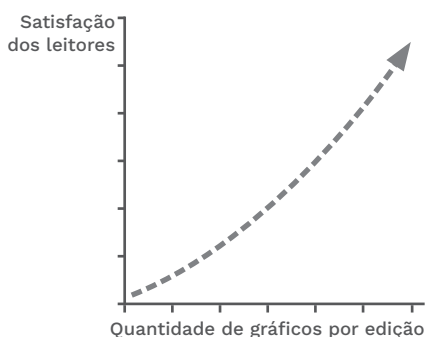
BIOGATE

Talita Almeida • E aí, gente? Pois adoro ler as cartas. Elas dão uma certa sensação de cumplicidade, sei lá, apesar das já surradas queixas ou graças sobre os correios. Acontece que, entre tantas, teve uma coisa despretensiosa que me chamou a atenção numa dessas lamentações: alguém disse que a edição de março chegou quase no final do mês. Como reflexo, franzi a cara, estranhando o estranhamento e fiquei me perguntando: não é o NORMAL que TODA edição chegue no final do mês a que se refere? Nunca estranhei. Outro assunto: me desculpe a querida ombudsgirl do **Relevo**, mas ainda que seja legal ter uma pista de quem escreveu algo que estamos lendo como forma de aprofundar um caminho de leitura, discordo totalmente da preocupação em usar esses critérios pensando na “importância para pesquisas” ou “curadorias mais justas” ou “criação de arquivo da história literária” blablablá... não. Matar a curiosidade de saber de onde saiu tal tema, assunto ou jeito de dizê-lo pode ser ótimo sim, mas isso não fazer qualquer diferença é muito, mas muito mais legal! Tô com o editorial nessa! Abaixo a bio! Beijos.

Vanessa Fagundes • Apoiadíssima a petição da ombudsman por bios no Jornal! Até hoje espero saber quem escreveu um conto sobre comprar camisinha no mercado e as reações que julguei familiares.

Brenno Costa • Acabei de ler o texto da Priscila Branco. Tô do lado da ombudsman.

Bolívar Escobar • Se cada autor fornecer alguns dados junto com o texto (gênero com o qual se identifica, lugar onde mora, idade etc.), poderíamos usar essas informações para publicar no Jornal o tipo de coisa que as pessoas realmente gostam: GRÁFICOS.



Carla Guerson • Sugestão importantíssima!

Felipe Ribeiro • Ombudsman sensatíssima.

ERÉNDIRA

Jonathan Nascimento • Opa! Obrigado pelas edições de 2026 que vocês me deram, estou gostando muito. Vários contos me surpreendem (a maioria positivamente). É bem satisfatório quando entendo as referências nos textos, como na edição de janeiro, que menciona a Eréndira e sua avó desalmada, na parte das adaptações que ninguém pediu. Por coincidência, li recentemente esse conto

do Gabo e, ao entender as piadas, me senti muito literário. As cervejas de brinde também são ótimas. Trocarei a Heineken zero que eu estava aderindo para reduzir rressaca por essa IPA zero da Maniacs, só preciso achar onde vende. Percebi que posso fazer um upgrade da assinatura sem comprometer o orçamento, assim, quem sabe, possibilitamos mais pontos de distribuição. Sincero abraço.

Felipe Puga • Conheci o trabalho bacana de vocês ao adquirir um exemplar no Sebo das Andorinhas, aqui em Campinas. Achei super legal a iniciativa e já estou fazendo a divulgação para amigos e conhecidos. Abraços!

Certified RelevO Moment

Roberto Heney • Bom dia. É possível publicar minha homenagem para o Dia do Índio (19.04)? Atentamente.

Da Redação (após ver por duas vezes a imagem enviada): Melhor não...

Rubens Pedro • Eu li muito esse Jornal.

Greyce Helen • Os desenhos de capa cada vez mais lindos.

Juliana Vilela • Que capa linda!

Rinaldo Batista • Fico, como sempre, muito satisfeito ao ver as despesas do mês no positivo, como foi o caso da edição de março. E mais de uma centena de reais! Tranquilizante. E tenho que concordar: o editorial está muito efetivo.

Gigi Imemine • Lembrei de vocês na fala do querido Hugo Rodrigues sobre o retorno do impresso. Sei que vocês nunca foram de outra forma, mas é boa toda a experiência proporcionada, de receber em casa, abrir pra ler, conhecer coisas por intermédio do Jornal, além de vários outros títulos que eu adoro que ou permanecem ou voltaram a ser impressos!

France Gripp • Olá, **Relevo**! Encontrei os números de fevereiro e março juntos na caixa de correios. Não sei qual chegou primeiro, porque estive viajando por um mês. Então, folheei os dois e não sabia por onde começar a ler devido à curiosidade que me deu. Nada disso interessa pra ninguém, mas serve para seguir a linha do editorial “Autofricção”, hehehe. Os dois números estão tão bons, mas tão bons, que, para comentar, é preciso uma análise detalhadíssima, de preferência com referências e citações em cima da hora, se quisermos fazer jus à obra, coisa que ninguém vai querer ler aqui, acho. Além disso, meus colegas leitores bem sabem opinar por si mesmos. O caso é o calendário do escritório Fernando Pessoa Jurídica, e as páginas RelevOIA estão hilárias, inteligentes e instigantes – adjetivos cujo poder de efeito, de fato, anda escasso. As ilustrações, as charges

são todas boas de conteúdo e bonitas. Afinal, tudo no Jornal está bom, bonito e barato pra nós! Fiquei alegrinha, que nem a figurinha do homem no gráfico de despesas de março, quando vi que deu sobrinha de dinheiro! Tem as coisas de que não gostei, mas são a minoria da minoria, nem gasto tempo em citar. Essas coisas têm seu direito de serem chatas ou impertinentes ou feias, aceitando-se o “conflito como parte do diálogo”, segundo o editorial de março. Deixo-as pra lá, com as devidas formalidades de pronome. Mas quero elogiar o artigo “Escrever para explicar: o didatismo e a morte da ambiguidade”. O texto registra realidades do mundo literário e editorial e aponta, como consequência, a presença de fragilidades na criação literária atual. Para quem, como eu, considera a escrita ficcional como entrada num universo metafísico multidimensional, é um conforto reconhecer quem também pensa assim e sabe explicar para os demais! E se você também é autora, persistente e solenemente ignorada, também ajuda saber que a culpa da falta de leitores a seus livros não está na qualidade do que você escreveu. Parabéns, Tamiris Volcean! Abraço aos editores e recomendações a todos que fazem o Jornal andar pra frente!

PAINKILLER

Zé Carlos • Bom dia, Jornal! Na seção Anuncie, lá do site do Relevo, há um pedido de socorro do HAL 4500, que mesmo descartado, pode ser atendido pelo Viva o SUS!

Já acudiram ele? “01000101 01010101 00100000 01010011 01001001 01001110 01010100 01001111 00100000 01000100 01001111 01010010.”

HAL 4500, protótipo descartado.

Diogo Santiago • Caro editor de revistinha com nome de cantor e cara de saltimbanco, saudações. Em primeiro lugar: muito obrigado por ter lido meu texto e pela sinceridade, pela franqueza no feedback. Em seguida, peço licença para exprimir, com ênfase, a minha admiração por ti: raríssimo encontrar alguém que emita diretamente uma opinião negativa dessa maneira, sem rodeio (*a fortiori* quando se trata de uma opinião negativa sobre uma criação artística). Lembra-me um querido professor pascaliano da época do meu doutorado em Literatura, na Université Lyon 2. Tua postura é necessária, e desejável. Parabéns. By the way, deduzo que a magnífica engalfinhada (aos moldes de Arquíloco, Hipônax e Sêmonides – ou outras plumas que analisei durante os semestres de grego antigo) que me deste seja somente uma espécie de aperitivo para que eu possa aguardar com mais serenidade pela crítica prometida. Enquanto te escrevo estas rápidas palavras, confesso estar sentindo uma palpitante lisonja por ter recebido, antes da crítica, essa tua nota propedêutica (apesar de não ter conseguido identificar o registro literário no qual ela se enquadra). Nesse sentido, pergunto: para além dessa sumária expressão da tua Weltanschauung de pombo (temperada de *intelligentsia*, conselho e titica), tens previsão

de quando enviar-me-ás a crítica? Com meus cumprimentos mais respeitosos.

Loja Nerdz • Olá, pessoal! Passando para agradecer a parceria de vocês. Os clientes têm amado o Jornal, restou uma edição só da que vocês mandaram da outra vez! E acabou de chegar a nova edição.

Maria Raquel • Recebi hoje o meu exemplar Bobbie Goods. Meu jornal de colorir [as ideias]!

Lis del Barco • Trabalho lindo. De trincheira, de poesia, mesmo que de prosa e de paz. Admiro muito o **Relevo**! O trabalho todo – pelo que é e por onde está, nesse nosso mundo/país/tempo e me sinto mesmo privilegiada e feliz de poder caminhar junto, mesmo que de longe.

Márcia Spiercart • Caros amigos do Jornal. Gostaria de saber se as resenhas enviadas por mim serão publicadas na próxima edição, de abril/2026? Certa do retorno da minha questão, fico muitíssimo agradecida.

Jornal Relevo: Márcia, tudo bem? Os materiais enviados para publicação passam pelo Conselho Editorial, que leva de 30 a 120 dias para analisar o conteúdo. Aí fazemos a devolutiva por e-mail, tanto em caso de publicação quanto de recusa. Abraços!

Teresa Silva • Oi, Jornal, tudo bem com você? Estou sumida por ocupações diversas e porque os correios não me entregam mais nem o **Relevo** e nem o Rascunho (desde fevereiro): estão boicotando os jornais de literatura de Curitiba. Li somente agora a edição de março e pega na Livraria Folha Seca • Gostei muito do conto de Flávia Figueiredo, “Éramos todos pés-de-boi”. Quero compartilhar com colegas servidores públicos esse panorama do nosso cotidiano com um toque de realismo fantástico. Abraços!

DEU CERTO!

Gabriel Yared • Prezado Jornal. Tudo bem, querido? Ainda não entro em contato para renovar minha assinatura, infelizmente. Mas conversei com um funcionário da Biblioteca Pública Elcy Lacerda, em Macapá-AP, e falei sobre o **Relevo**, e que vocês buscam pontos de distribuição no Brasil inteiro, e vi no Instagram de vocês que ainda não têm um em Macapá. Ele me pediu que entrasse em contato com vocês para saber como funciona o processo, pois gostaria que a Biblioteca se tornasse um desses pontos.

Conrado Gonçalves • O melhor Jornal!

Cynthia Araújo • Gente, toda vez que chega o Jornal, penso que preciso mandar meu livro pra pedir divulgação 😊 agora vai!

Luíza Dantas • Boa tarde, gostaria de saber se menores de idade poderiam lhe enviar suas histórias.



APOIADORES



bancatatuí.com.br / Desenho por Ângela León



Nostalgia
Sebo e Livraria

@nostalgiaselivraria
Cacoal-RO

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia



DITOS & ESCRITOS
leilamariaflesch.com

Em dúvida sobre suas
próximas férias?



EDITORIAL

Uma proposta logística e editorial ou descentralizar # fragmentar

1. Ampliação do acesso à leitura e à produção literária;
2. Maior profusão de vozes, narrativas e repertórios;
3. Fortalecimento de circuitos locais;
4. Criação de novos leitores a partir da proximidade e identificação.

Tudo isso faz parte das ambições de um jornal impresso de literatura como o **RelevO**. Entendemos que existe uma geografia invisível que define o que circula, o que ganha corpo e o que é renegado à margem. No campo editorial, o jogo de forças costuma apontar para poucos polos, que concentram não apenas editoras, mas também livrarias, imprensa, crítica e legitimidade.

Enquanto periódico independente (e aqui dizemos de certas amarras, não de outras), estamos situados em um cenário que se apresentava antes de nós, com aspectos negativos históricos — não somos o país dos não-leitores, de acordo com o Retratos da Leitura (2024), por acaso. Nunca quisemos nos rebelar contra circuitos estabelecidos, inclusive, queremos circular por eles porque entendemos que todos temos ambições semelhantes: chegar em mais leitores e propor maior circulação de ideias. Mas entendemos que precisamos olhar e chegar em outras paragens.

E o que está ao nosso alcance? Descentralizar a logística. Quando um periódico como o **RelevO** se espalha por cidades médias, periferias e regiões pouco atendidas, estamos chegando a novos pontos de leitura. Queremos alterar a lógica de quem pode ler, escrever, publicar e ser re-

conhecido. A distribuição deixa de ser um fim logístico e passa a ser uma proposta editorial.

Acreditamos que essa escolha impacta diretamente o tipo de texto que recebemos. Um veículo que circula apenas em centros consolidados tende a dialogar com um repertório mais homogêneo de ideias e registros, mesmo que da abundância exista maior possibilidade de se peneirar a originalidade. Quando a circulação se expande, o Jornal passa a lidar com outras realidades, outros ritmos, outras urgências. A linguagem se desloca junto. O desconhecido deixa de ser uma abstração e passa a ter endereço, sotaque e contexto.

Existe também um efeito interessante que não pode ser ignorado. Ao ocupar novos territórios, um jornal de literatura pode criar demandas por circulação, estimular parcerias locais, integrar-se com ecossistemas culturais novos. Pequenas livrarias, cafés, centros culturais e coletivos podem integrar esse circuito. Mas talvez o ponto mais importante seja outro. A descentralização cria pertencimento. Quando alguém encontra um jornal de papel e de literatura em sua cidade, quebramos barreiras em relação à literatura, que, de algo distante ou reservado aos grandes centros, se torna próxima, cotidiana. E, em muitos casos, esse encontro é o início de uma trajetória como leitor ou mesmo como autor.

O desafio é econômico, de conseguirmos sustentar os envios regulares com o aporte da nossa comunidade. O segundo desafio, de ordem editorial, está em sustentar esse movimento sem cair na tentação de reproduzir os mesmos filtros de sempre, com

textos que explicam a explicação, e não vamos nos estender muito nisso e em uma certa tendência da literatura contemporânea. Assim, a decisão de passar a publicar bios, inclusive, nasce desse movimento de descentralização. Em um cenário onde muitos autores ainda circulam sem mediação ou reconhecimento fora de seus territórios, a bio pode funcionar, em certa escala, como ponto de ancoragem. Se o **RelevO** vai chegar onde nunca chegou, talvez passemos a revelar pelas bios os nossos deslocamentos.

De fato, as bios podem ampliar a leitura, embora não deixaremos de publicar aqueles que usam pseudônimos e não querem revelar seus IPs. Toda escrita parte de um lugar. Ao explicitar esse lugar ou ignorá-lo, o Jornal não restringe o texto, ao contrário, abre novas camadas de interpretação. Para um projeto que busca ampliar circulação e diversificar vozes, assumir essas identidades é uma nova escolha editorial. Descentralizar, no fim, não é fragmentar.

Ao espalhar pontos de leitura, ampliar vozes e assumir origens, imaginamos que o Jornal não se disperse. Cada cidade, cada autor, cada leitor passa a integrar uma mesma trama, feita de contrastes, tensões e encontros. Não ignoramos o papel histórico e a potência dos grandes centros culturais, apenas reconhecemos uma relação entre a logística e a edição.

Uma boa leitura a todos.

Sobre crônicas, impressos e lero-lero

Priscila Branco

Há alguns anos, um certo senhor (cujo nome não lembro) afirmou por aí que a crônica respirava mal no Brasil, e que estávamos à beira de seu leito de morte. Lembro bem de minha reação de surpresa, pois acompanhava muitas cronistas, por exemplo Ana Elisa Ribeiro, que publicava na revista *Pessoa*, e Maíra Ferreira, que postava em algumas plataformas online. Hoje, há uma explosão de crônicas enviadas por newsletters e publicadas em revistas independentes digitais. Eu mesma recebia semanalmente diversas crônicas quando era editora e curadora da revista *Toró*, e muitas eram excelentes e foram publicadas nas edições do periódico.

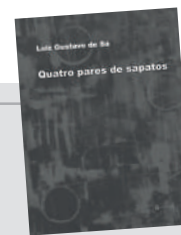
Não sei qual parâmetro de análise que aquele senhor usou para chegar à conclusão de que a crônica brasileira estava chegando ao fim, mas eu tendo a concluir o contrário: a crônica está vivíssima. Atualmente, é produzida por muitas mulheres também (historicamente foi um gênero atribuído à produção masculina) e ocupa um lugar fundamental na produção literária de nosso país.

Lendo as cartas de abril do Relevo, fiquei pensando em como o impresso afeta profundamente as pessoas, já que é um gerador de experiências: nos proporciona pausa, reflexão, nos oferece o cheiro do papel, nos irrita quando atrasa, precisa que viremos a página devagar para acompanharmos a leitura. É um organismo vivo. A crônica também exige momentos de presença para ser produzida. Precisamos tirar os olhos do celular para captar as histórias do mundo, da cidade, os pequenos acontecimentos diários que podem se tornam matéria cronista (ou poética, pois a poesia é irmã siamesa da crônica).

Dito isso, por que quase não temos crônicas publicadas no Relevo? É um gênero que combina muito com o impresso, e acredito que somaria positivamente às edições se o jornal priorizasse a publicação desse gênero (tantas vezes considerado uma literatura “menor”, o que eu acho uma grande de uma baboseira). Sugiro que os leitores-escritores que estão lendo este ombudsmandato encham a caixa de e-mail do editor com crônicas, perturbem a vida do jornal pelas redes

sociais. Quanto ao jornal, sugiro que abra algum tipo de chamamento para crônicas, para que venha para análise um volume maior desse gênero e, conseqüentemente, apareçam textos interessantes para publicação.

Sugerir é muito mais fácil do que colocar a mão na massa, editar o jornal e fazer a curadoria dos textos, sabemos. Como ombudsman, uma das minhas tarefas é tensionar as faltas que observo no Relevo. Além da crônica, acredito que seria interessante termos mais lero-lero, digo, crítica literária por aqui. Afinal, outra coisa que adoram dizer é que a crítica morreu, mas o que mais tem no mundo é gente que adora falar mal dos outros. Que tal explorar esse lado humaníssimo do nosso meio literário?



Ao interperlar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



 @EditoraLitteralux
  /litteraluxe@litora
  @editoralitteralux
  litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOINHOS
COM.BR

@EDITORAMOINHOS

por
Cami
HECHO

Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | @hechoporcami



Do livro
Caminhos do Coração,
de Domingos Pellegrini,
edição Sesc Paraná:

Ditos do Nonno

“O melhor vinho é aquele ali na mesa

“A melhor sopa é feita pela fome

“O melhor sono é o que o trabalho dorme

“Coisa bonita é casa toda acesa

“Coisa mais valiosa é o próprio nome

“Criança respeitosa é uma beleza

“Mais vale perguntar que ter certeza

“Família é a maior fortuna do homem

“A lesma não tem pressa e sempre chega

“Carma, que a vida é curta mas cumprida

“O ódio não vê e inveja não se enxerga

“O cego vê que vai melhor perdoando

“Passarinho não tem guarda-comida

nem guarda-roupa – mas vive cantando!

PEDIDOS: 43 9 9122 0463
(R\$ 60 com frete)



Anda vendo coisas?

Queremos saber: contato@jornalrelevo.com

Linguicidas em ação

Copo americano, água da torneira. Ventilador ligado. Lá sustenido menor. Acerola, pistola, camisola. Frevo sincopado, Lima Barreto de resaca: não é de hoje que o texto bruzundanga é mais empolamento que arte. Não é de hoje, Jeje, não é de hoje. Talvez por isso, Sossô, nas minhas histórias; haja tanta gente Tetê, que de rir chora. *Que de cadê?* Que ri, se mijá, licença poética, e até chora.

Querela vai, querela vem, dia amanhece, e eu não entendi ninguém.

– Alô, meu saudoso Juvenal, eu gostaria de saber, por favor, como fazer para não rachar o bico, para não retorcer as costelas perante tanta trapalhada? – “A censura perdoa os corvos e persegue as colombas”, minha fera. – Ai, sou aleijado da contemporaneidade, meu Juju; não entendo memes; dá para traduzir, por obséquio? – “O viajante de bolso vazio passa cantando na frente dos ladrões”, seu teimoso. – Perdão, Juvenal, mas tudo isso aí me parece meio imoral; eu não queria nem esculachar nem rimar mas, por favor, vai amolar um pentecostal.

Ô, brava gente doutora do sorriso de aparelho, é com a honestidade de um arroto que vos pergunto: para que essa correria?

Outro dia, ai minha bexiga, outro dia, não fico mais surpreso, outro dia, dizia eu, deparei-me com mais uma tentativa de assassinato da luz pelo interruptor.

Devagar que a botija é de cristal.

Que tentativa foi essa?

“Acenderam as velas, já é tradição”. Encandeia. Clareia. Aperta o eixo e mostra o babado direito que, aqui pra nós, uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa. Perdão, sou meio inculto. De obscuridade, o colarinho branco está cheio, foi o que quis dizer. Obscuro apesar de branco. Fedorento apesar de rodeado de vassalos. Apesar das comissões não sei o que lá de inquerito. Ou talvez por causa disso. Ou graças. *Graças e por causa* não são mesmo a mesma coisa e nunca os confunde quem está do lado errado do arame farpado. Apesar dos pesares. Hein? Clareza demais é exagero? Medo do didatismo? Eu também, obrigado. Nem toda clareza é positiva, entendi: menos nos dentes, portanto, que na denúncia de uma tentativa de assassinato. Mais uma, jornal da morte. Desta que não vende porque dela não sai sangue, sangue, sangue. Os protegidos, nada não, só estão matando a língua, não precisa de ambulância, muito menos de ato público. É sem querer que estão fazendo isso? Profunda questão. Depende de condição, posição, situação. Não confunda a sua, conselho de papagaio. Como? Doidice

danada, viu. Que tentativa de *linguicídio* foi essa, pelo amor de Iemanjá?

É que, na tradução do inconfundível Pedro Silva, foi publicado em 18 de setembro de 2024 pela revista *Jacobina* um artigo intitulado “O reacionário jargão da ‘decolonialidade’”, escrito pelo incontornável Neil Larsen. Sou inculto, não conheço nem o autor nem o tradutor em questão. Mas li o babado duas vezes. Ou quatro, não sei mais. Apesar do florilégio de erudições e da sintaxe atrapalhada, o texto traz um conteúdo importante, resultante de anos de trabalho sério e aplicado. Verdade que minha ignorância de boa parte das referências aí citadas ou aludidas me impediu que entendesse certas sutilezas, certamente enriquecedoras. Mas entendi aquilo que me permitiram meus conhecimentos gerais e, principalmente, o que me permitiu o meu relativo domínio da gramática textual. Confirmando que a crítica que é feita da academia pelo autor é importante e atual. Mas sou da literatura, meus ensaios são impulsionados por disposições nitidamente literárias, ou seja, estou aqui para comentar não o argumento do autor, mas a língua que me deixa ler o seu tradutor. Nesse sentido, afirmo feito um papagaio: na tradução de Pedro Silva do artigo de Neil Larsen chamado “O reacionário jargão da ‘decolonialidade’”, há a frase mais aterradora que li nos últimos tempos.

Certamente, na época da histórica Conferência de Bandung de 1955, de ex-colônias relativamente recentemente independentes e a partir de então (por um tempo) não-alinhadas na Ásia e na África, um termo como “decolonial” teria sido indissolúvelmente ligado aos movimentos contemporâneos de libertação nacional anticoloniais e ao processo histórico real de descolonização que alcançava seu apogeu naquela época, particularmente no que restou do colonialismo europeu formal em muitas partes da Ásia e grande parte de África.

Sei que não vale a pena comentar uma alucinação desse naipe, mas, ainda assim, interrogo-me: que significa essa aversão pelo ponto final? Será medo? Será pressa? Será o quê? O que será?

Cacarejo mais clareza, minha bicuda penada.

Dica aos portadores de diploma em ciências humanas e sociais: usai frases curtas.

E se por obra de algum demônio gripado e mal-humorado isso não for, mas não for mesmo possível, usai vírgulas. Se ainda assim não rolar, tentai as simetrias entre cláusulas de mesmo valor semântico. Perdão. Sou meio inculto. Cantemos, é Carnaval! Não, perdão, louvo o ponto final porque



Diogo Santiago

facilita a leitura e, por conseguinte, a compreensão. Como dizer isso de outro jeito? Misturai, se isto vos diverte, debate e combate. Evitai, porém, confundir perspicácia e comprimento. Evitai.

Aliás, um estudante acaba de me formular um problema: teria escorrido da trompa de Jurupari ou das costeletas de Mefistófeles esse gigantismo que estupra as frases da *intelligentsia* nacional?

Ai minha bexiga, as revistas famosas não prestam atenção nos tradutores.

O estudante me pede que dê uma informação meio pedante aos monolíngues desamparados: o jovem Marx tinha mais estilo em francês do que qualquer velho historiador ou economista uspiano em português.

Ã?

“Relativamente recentemente independentes”?

Ai meu tamborete.

“Consideravelmente, indissolúvelmente, particularmente”.

Parece até que um gládio chapado de pó lacerou as veias do advérbio na reflexão dos doutos. Além de dar folga a três quartos dessas pobres “mentes” sufixadas, os ilustres comentadores e tradutores da *Klassenkampf* podiam estudar um pouco (só um pouquinho) o mecanismo de formação das orações subordinadas. Ninguém aguenta mais essas justaposições de jargões.

De quê? Nossa, é mesmo!

Cúmulo de um grotesco que não passou de cômico: o subtítulo do artigo em questão.

“Embalada numa linguagem impenetrável, a ‘decolonialidade’ des-historiciza e culturaliza o colonialismo. É um beco sem saída político e intelectual para os socialistas.”

Parece mesmo uma piada de mau gosto.

“Imbecil (n. m.): aquele que não pensa como você”, diriam Bouvard & Pécuchet.

O título do artigo de Larsen insulta de “reacionário” um determinado *jargão*, e a quantidade de jargões distribuída no seu texto supera a quantidade de guloseimas distribuída pelo mais pio dos católicos em dia de Cosme & Damiano. Como se essa meia preterição de prestidigitador não bastasse, o subtítulo do artigo acusa uma “linguagem impenetrável” e o texto, sempre ele, é mais duro do que uma castanha do Pará. Pois é, cara leitora (e se fores um leitor, problema teu), pois é: a macharia diplomada que se diverte competindo pela retórica pública tem um faniquito de galinha, de pombo, de pardal. Quer comer o milho todo ao mesmo tempo e termina espalhando títica pela cama. E a gente que ama a língua e a Literatura que aguarde a catimba.

Hein? Confuso? Basta lembrar que não há nada que o montador saiba que a montaria ignore. Ainda não?

Download; upgrade; peidinho de leve. Dependendo do aplicativo, e do suporte, o passarinho que ainda prefere hoje em dia andar com os morcegos (únicos criativos) já consegue não dormir de ponta-cabeça. Nada a ser explicado. Circulando, circulando. Proibido dar risada quando a revista é famosa, o assunto é importante, e o autor do artigo é doutor. Que mais traduziu o tradutor? Ora, ora. Quem já se viu?

Para tudo.

Esqueceram a didascálica!

Esquecimento nenhum, meu teatro querido. Os mamulengos sabem muito bem o que estão fazendo, segundo eles. Coisa de puro sangue. Tanta cultura que nem precisam estudar. Fazem até literatura e ganham até prêmio português e ficam até famosos e são até mencionados pelo *New York Times* sem nunca terem escrito uma linha sequer sobre uma escritora ou um escritor qualquer.

Liberdade, igualdade, fraternidade, ancestralidade, decolonialidade, territorialidade. Ventilador desligado. Deu pane na diversidade.

Coro: se metade da paixão dos doutos brasileiros pelo substantivo terminado em *-ade* e pelo advérbio terminado em *-mente* se revoltasse e se refugiasse na frase curta ou no período composto por subordinação, seríamos poupados de três quartos das querelas de internet. Quando não são jargões, são repetições. Insípidas, inócuas, estéreis. Ai que tormento esse comprimento. Acode, Literatura, acode! Um momento. Como assim? Não domina nem o subjuntivo, esse dentuço? De que conluio sai esse diploma? Uso liberal da língua, amado Gramsci. Os tenentes do pensamento formado em escolinha privada não sabem, não podem saber; não veem a balança, não podem ver. Caldeirão, cadê a Caçarola? Em terra de não sei quê, não sei que se curva pra não sei que lá. Fecha a conta e passa a régua que o Carnaval este ano vem com estatueta dourada e uma corda de branquelos desengonçados marcando o passo de pinça pra cima. Disfarça, desconstrói. Matou no peito, driblou, passou pela direita, cruzou. Gol. É do Brasil!



Diogo Santiago (1981) é professor de línguas, tradutor, romancista e ensaísta. Nasceu em Recife (PE). Atualmente, vive em Valréas, no sul da França.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil

tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Preciso de um café

Kelem Tavares

Atravessei a cozinha com o tênis na mão. Comi uma banana pela metade e fiquei só na vontade de um café. Saí com pressa, apertei o botão pra chamar o elevador ainda mastigando, lembrei impaciente que esse horário das sete da manhã é o mais movimentado do prédio.

Escuto uma mãe apressando os filhos pra escola e um rapaz reclamando que o sinal do celular vai cortar: “Caramba, o sinal vai cortar, já te ligo”. Entro no elevador espremida entre mochilas de rodinhas, lancheiras, babás, pais e o Buzz Lightyear.

A porta fecha e todos os sentidos ficam mais aguçados. O rapaz atrás de mim solta uns suspiros impacientes, encostado no espelho. Pelo reflexo, vi que ele estava com o dedo frenético tentando atualizar o feed do Instagram, em vão — ele sabe que não tem sinal dentro do elevador.

Do lado, uma mãe estressada: a jaqueta do filho não quer fechar de jeito nenhum. “Para de apertar esse boneco!”, ela diz. O boneco responde com o menino dublando: “Ao infinito e além”.

Dei um riso de canto de boca. A babá riu também, porém bem rápido — no estresse em que a mãe estava, ela perderia o emprego por menos.

Só respirei direito quando a porta do elevador abriu. Pra que um perfume tão forte? Vinha do rapaz que saiu logo depois de mim, sobrancelhas franzidas, ainda tentando mexer no celular sem sinal.

Pra melhorar o combo, ele pisou na parte de trás do meu tênis e meu calcanhar ficou exposto. Algumas minúsculas situações me dão um rápido pico de irritação — essa é uma delas. Dei aquele tropeço e olhei pra ele na espera de uma reação educada. Ele seguiu seu caminho do jeito que estava: sisudo, mexendo no celular, sem falar nada, exalando perfume. Enfiei meu calcanhar novamente no tênis. Preciso de um café.

Entrei no Uber. Bom dia. O motorista mandava um áudio em códigos de segurança máxima, brigava com os políticos e com o carro da frente, tudo em uma só frase: “Positivo QAP; esse nosso Senado é uma piada; abriu o sinal meu filho! Bora que hoje eu trabalho até meia-noite”.

Será que ele pensa que, dirigindo mais rápido, o dia acaba antes? Meu pensamento foi cortado por uma freada brusca, que me fez carimbar de maquiagem o banco da frente — com a minha testa — e me lembrou de um dos maiores inventos da engenharia: o cinto de segurança. Desci rápido do carro e entrei na academia. Estava atrasada, mas não mais que a minha personal — que bom. Preciso de um café.

Fui rumo à cafeteria. A atendente abriu um sorriso junto com um empolgado bom dia, perguntou meu nome e destrinchou os vários tipos de cafés e chocolates. Eu só queria um coado, mas escutei sobre os 12 tipos de cafés. Ela continuava com o sorriso largo. “Tô com um pouco de pressa, esse demora muito pra

fazer?”, perguntei, olhando pra porta, vendo se minha personal tinha chegado. “Nada, faço bem rápido!”, ela respondeu, estalando os dedos.

Foi rápida mesmo. *Habemus café*. Recebi um café gourmet do qual ela tinha falado bem empolgada. Eu já estava saindo com o café nas mãos, quando ela me chamou de volta com uma pequena urgência. Apontou de forma bem precisa pro copo, fitando o olhar: “Se você tiver um pouquinho de paciência, espera o leite descer até formar uma segunda camada em cima da calda de chocolate. As camadas ficam bem certinhas, retas, uma em cima da outra, meio degradê, bem bonito”.

Uma pausa de alguns segundos.

Fiquei olhando pra ela, parada, com um meio sorriso, processando a informação — e ela parada igualmente, com o sorriso largo e os olhos espremidos atrás dos óculos, finalizou empolgada: “Caso você queira tirar uma foto”.

Eu ri. Não esperava.

Obedeci. Sentei e fiquei olhando concentrada pro café, com a colherzinha na mão. Não me atrevi a misturar antes de ver o tal fenômeno das camadas acontecer. E, claro, tirei uma foto. Eu não tinha mais pressa. De repente, minha manhã corrida e irritada foi freada para que eu contemplasse três camadas de café que não se misturavam. Achei isso extraordinário.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

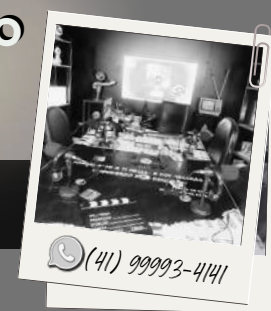
(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

No Espaço de Ideias Clarice & Machado, a comunicação é artesanal. Produzimos conteúdo singular — do texto com alma à estratégia de podcasts. Comunicação com sensibilidade e eficácia para quem busca autenticidade em um mundo artificial.



(41) 99993-4141

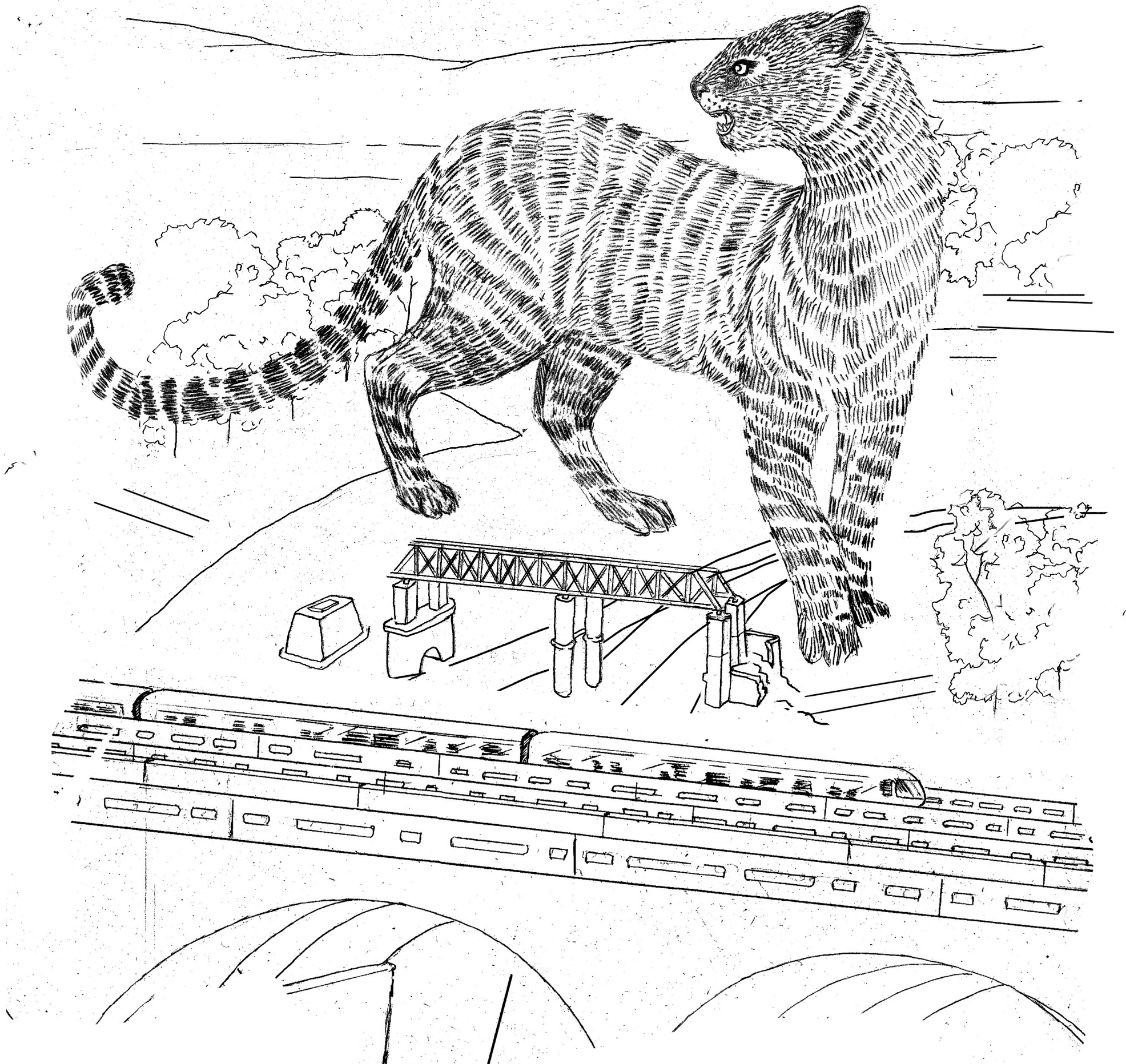
Venha nos conhecer:

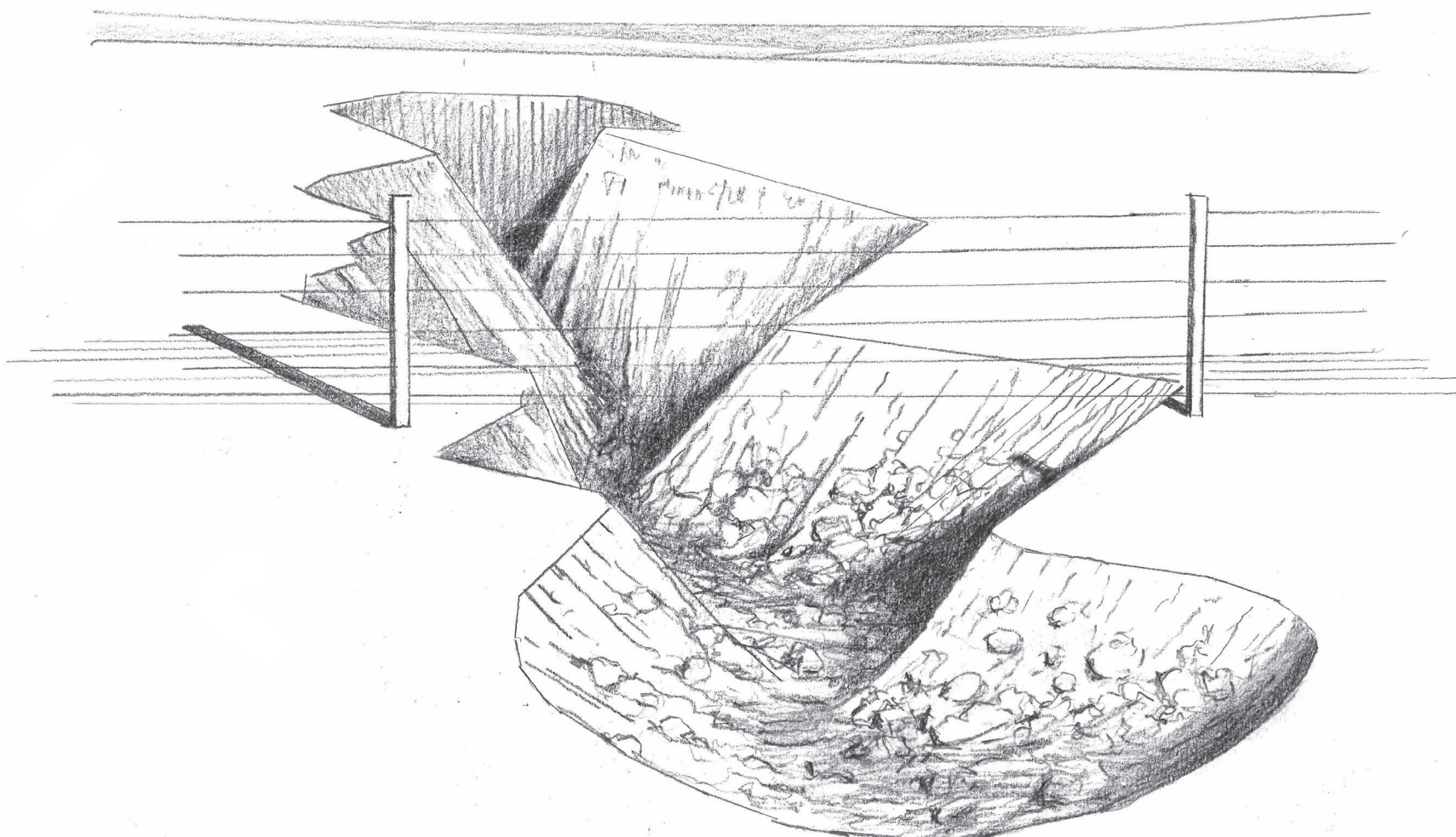
www.espacodeideias.com.br

ESPAÇO DE IDEIAS
CLARICE & MACHADO

Affife Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na cidade universitária Santa Cruz Centro Universitário







Max Sacramento Martins

Flores mortas

flores mortas –
no deserto
no rio: teus olhos.

areia causticante
no deserto: face.
entre as coxas:
jarros
para a tua rasura.
nas pedras – sereias em cio
e só.

rio

rio
das pedras ardendo
em sal para o teu ventre-fera.

o rio se quebrando –
em espuma
na praia
e os figos: morde-os
antes de murchos.



Assim natura

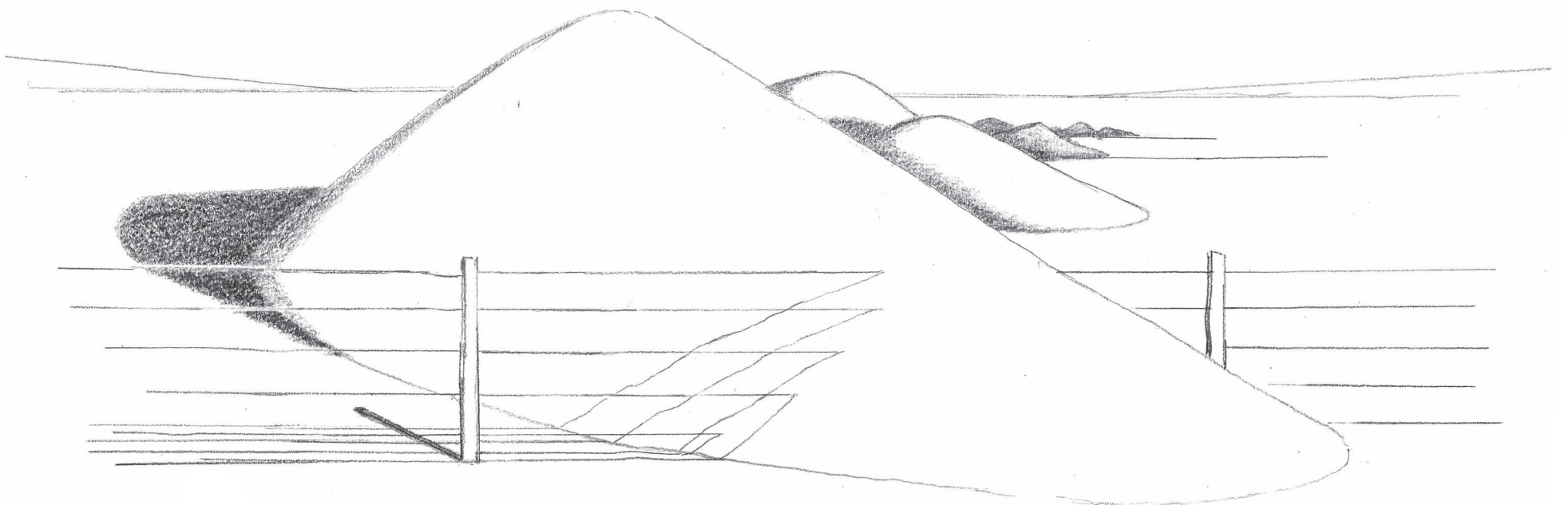
o sagrado poema
não está acima —

está misturado.
Deus, aqui, não desce: afunda.
e a rubra —
lâmina fina,
o duro coito
entre flores mortas.

cala-me: ex-
posto da carne,
escrito
ideograma
— gozo —



Max Sacramento Martins (2000) é professor de Física e pesquisador. Nasceu em Mocajuba (PA). Mora atualmente em Belém (PA).



EXCLUSIVO

Jornal RelevO investiga possível rebranding do banco central americano



- RelevO ouve de uma “fonte quente” que o Fed (banco central americano) cogita mudar seu nome para “Fred”;
- Ideia é repaginar o *soft power* americano para tornar o país mais amigável;
- Com pouco orçamento à disposição, RelevO envia o repórter investigativo Cracko Barcellos para investigar;
- Cracko e seu escudeiro se perdem em vícios implacáveis;
- RelevO não sabe o que um banco central faz; Cracko Barcellos, aparentemente, também não.

I.

Pobre come dólar? Não sabemos: o RelevO evita um e é evitado por outro. Mas algo mudou na energia do planeta na segunda quinzena de abril. Uma espécie de feng shui cósmico. Os Estados Unidos, esse poço cafona de atrocidades, estavam mais... amigáveis. Ao menos segundo nossas fontes – e logo tratamos disso. Seu banco central, o Fed (Federal Reserve), supostamente estava de cara nova. Um novo plano? Um *rebranding*?

O Fed – alegam nossas fontes – não quer mais ser apenas uma instituição chata que disserta sobre juros e financia qualquer desumanidade cometida pela ‘Murica em nome dos Illuminati ou de qualquer outro agrupamento étnico-religioso que preferimos não especificar para não sermos encontrados em condição de suicídio com oito tiros nas costas. O Fed, enfim, não seria mais o personagem principal para garantir emprego a astrólogos com gráficos, também conhecidos como macroeconomistas.

O Fed era seria o Fred. Seu amigo Fred. *Your buddy*. “*You can call me Freddy*”.

A ideia consiste em melhorar a imagem do país do *hot dog* no globo. Um *rebranding* capaz de afetar toda a política internacional. “*Bro, vamos nos divertir!*” foi a mensagem vazada do órgão atribuída ao secretário Brian Ombrelone, consagrado no Vale do Silício por ter sido CEO da Guard, empresa que fornece “*gadgets* de inteligência para contextos múltiplos (mas 99% militares) controlados remotamente”, com seus principais clientes em Israel.

Mas como chegamos a essa ideia estapafúrdia, no Fed e em Ombrelone? Como sempre, com investigação séria. E alguns entorpecentes. Misturados com neurose, paranoia e internet. A combinação perfeita.

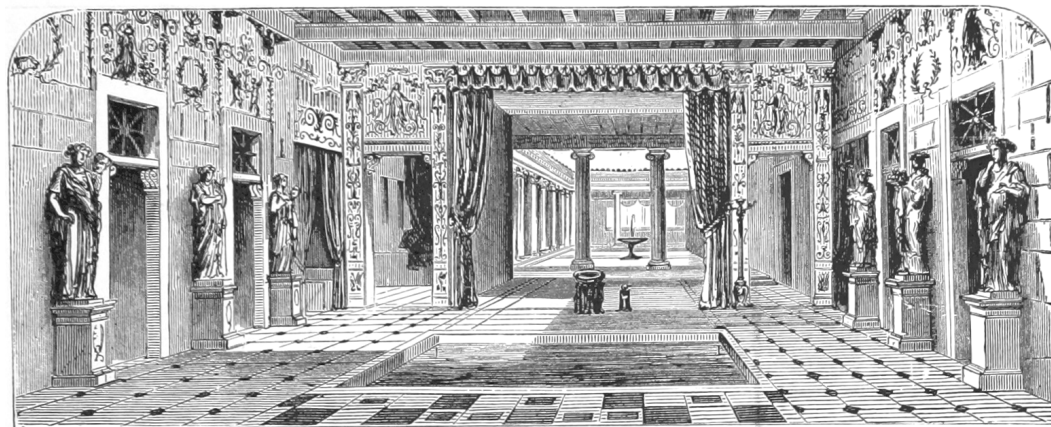
II.

É aí que entra Caio Barone, apelidado – não pelo RelevO, jamais – de Cracko Barcellos. Cracko (“me chama de Caio, por favor”), como é unânime e implacavelmente conhecido (“é sério, meu nome é Caio, pessoal”), envergou para o Jornalismo investigativo com o seu canal Fatos na Lata, em que explana com notável desenvoltura (ao menos para alguém com “pedras no caminho”, se o leitor nos acompanha) absolutamente qualquer assunto. Assim como seus cigarros, Cracko não tem filtro.

Apesar da falta de diploma, do vício em apostas em campeonatos exóticos e das crises agudas de *delirium tremens*, Cracko chamou atenção de jovens que utilizam ferramentas bruxescas como Twitch e Discord e que permanecem incompreensíveis para nós, velhos decrépitos em contagem regressiva e franca decadência. Curiosamente, seu interesse pela política americana começou com o ICE (Immigration and Customs Enforcement). Cracko achou que se tratasse de um rótulo da Smirnoff e, precisando de um golinho, foi conferir.

Acontece que Cracko não é apenas um degenerado com acesso ilimitado à internet. Ele habita uma zona cinzenta (e delicada) entre a inteligência e a perseguição, a visão única e a estupidez bruta. Sua mente é surpreendentemente complexa, um *savant* capaz de reconhecer padrões invisíveis e não perceber a ingestão do próprio cabelo. Cracko (“por favor, gente, é Caio”) é uma miríade de vidas não vividas, estradas potenciais que se cruzam e se anulam incessantemente. Cracko podia ter sido Caio (“mas eu *sou* Caio, poxa”), e não Cracko. O mesmo Cracko capaz de ser vilão e herói simultaneamente – um herói que não usa capa, mas usa... crack.

E Cracko jurou ter interceptado mensagens do governo americano. “Para ser sincero, eu basicamente fuzei aquela rede obscura em que O PRESIDENTE DELES ESCREVE ASSIM QUANDO TEM ATAQUES DE LOUCURA TODA NOITE E O MUNDO INTEIRO SOFRE AS CONSEQUÊNCIAS”, revela, humildemente. “A segurança cibernética é bem fraca, e alguns membros do alto escalão contam qualquer coisa quando você usa avatar de mulher peituda segurando uma AR-15”. Ninguém acreditou em Cracko – apenas seus fãs mais fiéis, apelidados de Pedrinhas. Por valor narrativo, o RelevO escolheu acreditar. E bancar sua investigação.



III.

Cracko precisava de auxílio, e para tanto recorreu a seu Sancho Pança. Um cowboy, ou melhor, vaqueiro hacker digno de literatura cyberpunk noventista cuja materialização só é possível na fractal dissolução das tribos contemporâneas. Alberto Alvarenga (“cada um tem o A.A. que merece”), 26, conhecido *apenas* como Beto Carreira (“sim”), tornou-se um escudeiro, conduzindo a parte técnica da investigação. Em mensagem criptografada (ou “crackografada”, como tentamos emplacar, obtendo nenhuma risada de nenhum jovem, e portanto culpamos apenas a Twitch), a dupla descobriu o suposto projeto para o banco central americano.

O plano, intitulado *The American Friend* (ou *Der amerikanische Freund 1977* para o cinéfilo pedante), promete uma série de medidas visando à maior lavagem de imagem desde que o Império do Japão saiu de “vamos arregaçar toda a Ásia e depois o mundo” para “KAWAIIII *.*”. Com isso em mente, o doravante Fred terá carta branca para atuar como uma verdadeira caravela de *soft power*, interferindo em produtos de exportação como NBA, NFL e competições de ingestão infinita de cachorro-quente. Não será um *banco* central, e sim uma central. O centro de tudo.

As pistas eram cada vez mais quentes. Cracko & Carreira coletavam informações preciosas apenas gerando fotos incredivelmente criativas de fuzis reais com (ou *em*) mulheres fictícias. Suas fontes também eram quentes. Tão quentes quanto a lata que quica de madrugada na Rua Riachuelo, no Centro de Curitiba. Subitamente, o fogo se apaga e o que se vê são humanóides em condição deplorável prontos para partir de um não lugar para outro.

Mas Cracko & Carreira se distraíram. Algo aconteceu. De um dia para o outro, tornaram-se incomunicáveis. Não o incomunicáveis lúdico, acolhedor, “tô quase tendo uma overdose” a que estávamos acostumados, e sim ausentes. Ausentes até da... internet, inclusive rejeitando entrevistas para o podcast matinal da influencer Ana Maria Brisa. Para o Louro Brisão, fantoche do programa, autointitulado “parça” da dupla, alguma coisa fora do usual – do usual *deles* – teria acontecido.

Tentamos acioná-los, isto é, presencialmente. Foi aí que nos ocorreu que não fazíamos ideia de onde ambos moravam. Como bons investigadores, fizemos o que estava ao nosso alcance: vestimos *trench coats*, fumamos cigarros e ouvimos trilhas sonoras melancólicas de jazz. Até que recebemos uma resposta. Por escrito, pelos Correios. Não fazíamos

ideia de que eles dominavam a letra cursiva. A bem da verdade, tomando como base aquele garrancho que faria uma avó do editor esbravejar indignada, podemos argumentar que ainda não a dominam (isto é, a escrita, não a avó do editor, notavelmente indomável, duas vezes presa por desacato em manifestações *favoráveis* ao governo Collor, porque “confiscar a poupança foi a melhor coisa que aconteceu pr’aquela bosta putanheiro do seu avô tomar jeito”).

Ah, sim, a resposta. Depois de dias de silêncio absoluto, uma carta. Um papel-toalha em que se lia “Pivotamos” e um link para uma reunião uma hora mais tarde – o que nos incomodou um pouco e nos fez perder prestígio, uma vez que eles sequer consideraram a possibilidade de o RelevO ter outras obrigações ou prioridades. Mas, enfim, realmente não tínhamos e logo abrimos nossa tela. Cracko & Carreira estavam lá, estranhamente limpos e normais, cada qual abraçado a uma jovem morena. Elas atendiam por Estela e Vivian, e “Tela”, simpaticíssima, falou em nome de Cracko que seu companheiro se encontrava em um processo de limpeza “mental, espiritual e digital” (guiado por ela) e que não enfrentaria mais os demônios de sua paranoia por meio de “investigações delirantes e perigosas” na internet. Ao contrário de seus capuzes sórdidos e fétidos, Cracko vestia uma polo com calça cáqui, e tudo que Carreira fazia era concordar com o rosto, no máximo complementando com um “pode crer”.

A conversa foi breve. Quando Cracko & Carreira finalmente começaram a falar, apenas nos contaram seu novo projeto: um game indie. “Conseguimos um *budget* fantástico com um investidor externo, estamos muito felizes”, ele relatou, o olhar mais vazio em relação a seu alterego cracudo, como alguém afogado numa piscina de LinkedIn. O jogo, School Shooter Simulator, ou 3S, é um simulador poderoso que permite viver a emoção de um evento canônico americano *a partir da visão do atirador*. Estranhamos, mas, enfim, o que podíamos fazer? Sequer sabemos o que faz um banco central.

Nossa conversa morreu ali, assim como toda a investigação. Nosso furo de reportagem de magnitude mundial não veio, portanto não havia motivos para continuar: concluímos que a verdadeira dificuldade do RelevO consiste em escapar das latas antigas. E que o verdadeiro crack são as pedras que evitamos pelo caminho. Algo assim. Para celebrar (ou lamentar – há mesmo diferença depois das três da manhã?), cheiramos rapé.



Brasília, poema sinfônico

Ainda encantado com a música brasileira, deparei com um evento até então desconhecido para meu limitado repertório. Diante de minha surpresa, consultei alguns amigos para averiguar se fui o último no planeta a conhecer *Brasília: Sinfonia da Alvorada* (1959). Concluí que a descoberta, mesmo longe de obscura, é suficientemente esquecida para justificar meu espanto.

A obra, pois, consiste em um poema sinfônico escrito por **Vinicius de Moraes** e composto por **Tom Jobim**. A criação foi incentivada (mas, tecnicamente, não *encomendada*) por **Juscelino Kubitschek** – em razão da inauguração de Brasília (DF), em 1960. Ela é dividida em cinco movimentos: I. O planalto deserto; II. O homem; III. A chegada dos candangos; IV. O trabalho e a construção; V. Coral.

O LP, gravado em 1960 e lançado em 1961, teve encarte de **Oscar Niemeyer**, que já havia trabalhado no cenário da peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius (a mesma que virou filme, teve trilha sonora de Jobim e cujo longa-metragem inspirou Bong Joon-ho). Na gravação, a voz que declama é do próprio Vinicius.

Curiosamente, a sinfonia só foi apresentada ao público em 1966, na TV Excelsior. Em Brasília, isso aconteceu apenas em 1986 – seis anos após a morte do Poetinha. Para contextualizar a criação, passo a palavra ao próprio Vinicius de Moraes, em relato disposto no encarte da obra.

Esboçado o plano da obra, partimos para Brasília a fim de estruturar temas e poemas em contato humano com a cidade. Hóspedes do “Catetinho”, hoje tombado como monumento histórico, olhávamos de nossa sala-de-trabalho – a mesma em que o

Presidente Kubitschek assinou seus primeiros atos na nova capital – a silhueta quase sobrenatural da cidade na linha extrema do horizonte, recortada contra auroras e poentes de indizível beleza. De madrugada, enquanto víamos congelar-se no ar frio o jato ascensional do Boeing-707, escutávamos também o piar das perdizes e dos jaós, entre as surdas rajadas intermitentes do vento do altiplano. Havia em nós essa tristeza que nasce da beleza, e pavilhávamos os capões de mato com a sensação do irremediável do tempo. Jobim, caçador experimentado e velho piador de pássaros, arremetia mais longe do que eu. Eu voltava, a partir do lindo ôlho d’água do pequeno bosque, para os meus intermináveis passeios na alpendrada do “Catetinho”, onde ficava a pensar o texto



E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



da Sinfonia e a esperar a comida simples e gostosa que nos dava “a patrôa” de Luciano, o caseiro: o mais antigo funcionário de Brasília. Aprox-me dizer nunca ouvi, ao longo das horas em que Antonio Carlos Jobim mergulhava no mato, um só tiro perturbar o silêncio das velhas planuras. É minha impressão que o músico perdeu a coragem de chumbar seus coleguinhas alados, mesmo quando constituam ótimo comestível, como é o caso das perdizes. (...)

Dez dias ficamos assim no “Catetinho”, nesse *dolce far niente* de fazer uma Sinfonia, com sentinela à porta, pois a princípio os numerosos turistas punham sempre o nariz na vidraça para constatar como íamos de trabalho. (...)

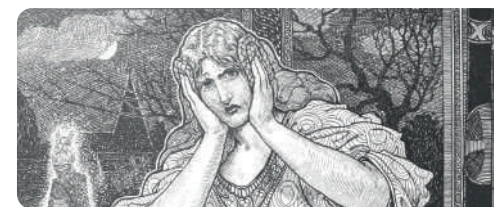
Falei em piano. É fato. João Milton Prates providenciou-nos um piano que veio de Goiânia. Ajudados por Luciano e três candangos, nós o subimos a braço para o “Catetinho”, com mais medo de que seus degraus cedessem ao peso do que de um enfarte do miocárdio. Naturalmente, pois o “Catetinho” é hoje um monumento histórico, e a estátua do Fundador de Brasília parecia apreensiva, sôbre o seu pedestal no terreiro em frente, com os resultados de nossa operação.

O assunto ressurgiu em entrevista de Tom Jobim a Jô Soares, em 1993 (um ano antes de o músico morrer). Jobim respondeu sobre *Brasília: Sinfonia da Alvorada*:

Eu nunca escuto. Mas quando escuto, parece uma piada. Diante do que está lá... Aquele sonho do Vinicius [de Moraes], Juscelino [Kubitschek], Oscar Niemeyer; a gente acreditando, querendo o Brasil e coisa e tal... A gente fez aquilo tudo com um amor danado. Fala no planalto deserto, na chegada do homem, naqueles campos bonitos do senhor; a gente brincando nos campos do senhor. E era muito bonito. Hoje em dia, quando vejo Brasília, fico um pouco nostálgico, entristecido.

nãopensei

e sempre assim, no meio das coisas já indo, sem saber quando e como começaram, sem ter ideia se esta porta aqui é para abrir ou não, e abrindo-a só para poder fechá-la, já que não se pode fechar portas já fechadas, é preciso primeiro abri-las, do mesmo modo que não se pode abrir portas já abertas, e tudo tão assim, tão ah, tão sim, tão não também, e olhando a sala, não sei quantos metros quadrados, quantos cúbicos, tão grande quanto uma piscina olímpica de brinquedo, e sentar nos bancos, desde que vazios de pessoas e de revistas e de demais itens pessoais, porque se estiverem cheios, o jeito é ficar em pé, e que bom, a vista aqui até que é boa, dá para ver o Monte Fuji lá naquele pôster acima do bebedouro, e sentir tristeza por quem não pode vê-lo por estar nos bancos, talvez se tirassem o bebedouro, mas talvez não, muito pesado, mais leve seria tirar o pôster, mas a parede, o papel, a tinta, ou talvez tirar a parede, já que o Monte Fuji está logo ali, atrás da parede esse tempo todo, e não se sabe nunca porque um pôster do Monte Fuji quando o Monte Fuji está logo ali, bastando um buraco quadrado na parede, ou retangular, ou então circular, para que pareça como se visto por uma das lentes de um binóculo que se partiu ao meio, como se uma pequena luneta, não para ver astros nem estrelas, mas o Monte Fuji ficando branco como se sempre envelhecesse, e sentar no banco agora vazio, e perder o Fuji de vista, e olhar a porta que alguém abre apenas para fechar atrás de si, e pensar que não, que sim, que não pensar em nada nenhum enquanto o Fuji, enquanto a porta, enquanto o bebedouro, enquanto tudo termina, porque é preciso terminar aqui, ou então nesse outro aqui, porque chamaram lá da outra sala e é preciso se levantar do banco, andar uns doze passos a noroeste e ver uma nova porta e sempre assim, no meio das coisas já indo, sem saber quando e como começaram



Anda ouvindo coisas?

Temos interesse: contato@jornalrelevo.com



Trecho de Eneida, IV, 586-620

Virgílio

Tradução de Rodrigo Gonçalves

*Regina e speculis ut primum albescere lucem
vidit, et aequatis classem procedere velis,
litoraue et vacuos sensit sine remige portus,
terque quaterque manu pectus percussa decorum,
flaventesque abscissa comas, Pro Iuppiter, ibit
hic ait et nostris inluserit advena regnis?
Non arma expedient, totaque ex urbe sequentur,
deripientque rates alii navalibus? Ite,
ferte citi flammis, date vela, impellite remos!—
Quid loquor, aut ubi sum? Quae mentem insania mutat?
Infelix Dido, nunc te facta impia tangunt.
Tum decuit, cum sceptras dabas.—En dextra fidesque,
quem secum patrios aiunt portare Penates,
quem subiisse umeris confectum aetate parentem!
Non potui abreptum divellere corpus, et undis
spargere? Non socios, non ipsum absumere ferro
Ascanium, patriisque epulandum ponere mensis?—
Verum anceps pugnae fuerat fortuna:—fuisset.
Quem metui moritura? Faces in castra tulissem,
implessemque foros flammis, natumque patremque
cum genere extinxem, memet super ipsa dedissem.
Sol, qui terrarum flammis opera omnia lustras,
tuque harum interpres curarum et conscia Iuno,
nocturnisque Hecate triviis ululata per urbes,
et Dirae ultrices, et di morientis Elissae,
accipite haec, meritumque malis advertite numen,
et nostras audite preces. Si tangere portus
infandum caput ac terris adnare necesse est,
et sic fata Iovis poscunt, hic terminus haeret:
at bello audacis populi vexatus et armis,
finibus extorris, complexu avulsus Iuli,
auxilium imploret, videatque indigna suorum
funera; nec, cum se sub leges pacis iniquae
tradiderit, regno aut optata luce fruatur,
sed cadat ante diem, mediaque inhumatus harena.*

Do alto da torre a rainha vê as luzes primeiras
alvorescerem, e a frota avançar com as velas ao vento,
nota a praia e os portos vazios e sem remadores,
bate três, quatro vezes com as mãos em seu peito formoso,
louros cabelos arranca, e, “Por Jove”, diz, “vai mesmo embora,
um estrangeiro, e, ainda por cima, do reino zombando?
Não pegarão em armas, de toda a cidade a segui-los,
outros, arrancando os navios das docas? Pois ide,
chamas levai, velozes, dai velas, tomai vossos remos! —
Mas o que digo, onde estou? Que loucura transforma-me a mente?
Dido infeliz, os teus feitos ímpios te atingem.
Antes, melhor, quando davas o cetro. Eis a fé, eis a destra,
dele que, dizem, trouxe consigo os Penates da pátria,
dele que trouxe nos ombros o pai avançado de idade!
Ah, pois não consegui esquarterar o seu corpo, e nas ondas
espalhar? Não pude arrasar com o ferro os seus sócios
nem o próprio Ascânio, e ofertá-lo ao pai num banquete?
Dúbio seria o êxito dessa batalha – que fosse!
Quem temeria, assim perto da morte? Tochas aos campos
levaria, encheria de chamas os barcos, e filho,
pai e raça extinguiria, e a mim mesmo, com eles.
Sol, que ilumina com chamas todas as obras do mundo,
tu, que intercedes, Juno, ciente das minhas agruras,
tu, que em noturnas encruzilhadas, Hécate, chamam,
e vingadoras Fúrias, e deuses de Elisa, que morre,
isso ouvi, e voltei contra os males correta justiça,
atendi nossas preces. Se é certo que aquele maldito
deve chegar a um novo porto e alcançar outras terras,
se esse é o fim que determina o destino de Jove:
seja arrasado por guerra e armas de um povo valente,
sejam-lhe afastadas as terras e o rosto de Iulo,
que ele implora auxílio, e, dos seus, as indignas mortes
veja, e, quando entregar-se a leis e a uma paz vergonhosa,
já não possa fruir da luz desejada e do reino:
morra antes do tempo, largado insepulto na areia.



Rodrigo Gonçalves (1981) é escritor e tradutor.
Nasceu em Jaú (SP). Vive em Curitiba desde 1999.
Virgílio (70 a.C. – 19 a.C) foi poeta romano.

elefante

Diana Joucovski

Pra onde quer que eu fosse, em hipótese alguma levava ele comigo. era arriscado demais, se levasse no braço, poderia esquecer num ponto de ônibus, num banheiro público, em um Uber em outra cidade, e como é que eu garantiria sua segurança e integridade enquanto estivesse nas mãos de outra pessoa, na imundície? se mal enxergam alma no bicho feito de carne, quem dirá no dito *inanimado*.

na primeira viagem longa que fiz após nos conhecermos, pensei em levá-lo dentro da mala e mantê-lo seguro lá, com uma fenda no zíper para que pudesse respirar, mas aí ele não aproveitaria nada, e eu, por conseguinte, também não, só de imaginá-lo preso em tamanha escuridão. capaz que ele voltasse de cara virada, e não o culpária, porque até as pessoas mais submissas estabelecem um limite, que é de não ser desumanizado. melhor sozinho entre as cobertas da minha cama, sem muito o que circular além de outros cômodos de madrugada, do que solitário e sufocado entre mudas de roupa e objetos aí sim inanimados, um livro, uma câmera, um chinelo, uma calcinha.

a escova de dentes tinha uma cabeça e gostava de variar a posição de descanso, caso contrário rolava dor na lombar, isto é, no cabo, mas personalidade projetada em uma matéria qualquer não significa que tenha *anima*, e fazer amizade com ela seria para ele como o filme daquele cara que sobrevive numa ilha conversando com uma bola de vôlei. além do mais, elefantes e escovas de dente só seriam amigos em desenhos animados, na vida real a gente gosta de quem se parece com a gente, por isso tratei rápido de arrumar um amigo pra ele.

ao sair para passar a noite fora, eu beijava ambos sem hierarquia, meu elefante verde chá barrigudo de orelhinhas *polka dot* e seu elefantinho azul-marinho comprido que eu havia comprado no pet shop, do tipo

que faz barulho quando aperta. desse modo, conferia falsa vida ao elefante azul. parecia a história do filhote de macaco órfão com seu macaquinho de pelúcia que vi esses dias na internet — para o meu elefante, seu próprio elefante possuía alma. jamais diria a ele o contrário. às vezes mentir ou mesmo ficar quieto é a melhor saída para proteger o coração dos nossos amigos, coisa que ele havia me ensinado nas noites em que, ao fim de um monólogo deplorável, carregado de lágrimas e vitimização, ele apenas me olhava com seu olhar eternamente doce, seu sorriso composto por uma linha lilás bordada suave sob a tromba, e mesmo a tromba era uma graça, um sorriso em si mesma.

a única pessoa que conviveu um bom tempo com ele além da minha mãe, a quem de vez em nunca eu permitia banhá-lo no modo delicado da máquina, foi meu namorado de poucos meses, que fora uma *saudade do elefantinho e toma cuidado com ele aí*, nada soube. suas visitas eram um desafio. sexo, pernoite, nem se fala. passou a frequentar minha casa logo no verão e na fase pré-vestibular, o corpo esguio tomado de inquietação de energético e tesão juvenil, queria brincar com ele como se fosse uma bola, como se fosse incapaz de sentir, como se fosse o nada que corroía sua própria mente se ficasse mais de uma hora sem mexer no celular.

se ele iniciava a transa e eu visse que o elefante estava olhando, dava um jeito de puxar um pelo cabelo e empurrar a cabeça do outro para o outro lado, de modo que o espírito do

elefante saísse para passear, porque isso seria perversidade, não é coisa que se faça. se sucumbia nos lençóis, trazia-o à superfície o mais rápido possível, pois não tinha certeza de quanto tempo aguentava sem respirar (não me ocorria pesquisar sobre elefantes no Google, mas também não sabia se a relação era direta).

uma só vez fui egoísta, e em prol do meu próprio prazer vi meu elefante verde chá cair da cama e permanecer no chão durante quase meia hora, porque, é claro, o idiota do meu namorado o havia empurrado. a sorte foi que a minha cama era baixa e elefantes são fortes e resistentes, já a queda emocional foi difícil superar—embora continuasse sorrindo nos dias que se seguiram, era uma curva traiçoeira, aprendera a dissimular, desconfiava se eu realmente o amava. esse tipo de situação desconfortável era rara e, assim como meus protótipos de namoro, não duravam.

conforme o tempo passava e nossos laços se estreitavam, foi bastando um mês, uma semana e então uma noite para que eu perdesse a paciência e descartasse quem não o respeitava. as garotas eram muito, muito piores, talvez porque lembravam de seus próprios bichinhos de pelúcia, todos aos quais deram destinos horríveis, o que diminuía minha empatia em relação a elas. agarravam-no como crianças e faziam vozinha como se ele fosse retardado. deixavam-no sentado até a exaustão, separavam-no de seu bonequinho na hora de dormir, desdenhavam, *por que você tem brinquedo de cachorro se não tem cachorro?*, isso quando não largavam o elefante azul por aí e eu tinha que me virar para procurar ou não poderia viajar, visto que meu elefante não dormia mais sozinho.

eu costumava perdoar mentalmente, cortava contato assim que se despediam na manhã seguinte e bloqueava, mas perdoava porque era o que meu elefante me ensinava, que muitos pecados não são por mal, a intenção por trás é por vezes boa, as pessoas só tem visões distorcidas do que é bom. quando ele falava assim, eu dizia que estava querendo dar uma de jesus cristo e era só um elefante de pelúcia, pelo amor de deus, e nós ríamos.

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

@escritorimayorga



É APENAS UM LIVRO SOBRE UM NÓIA.

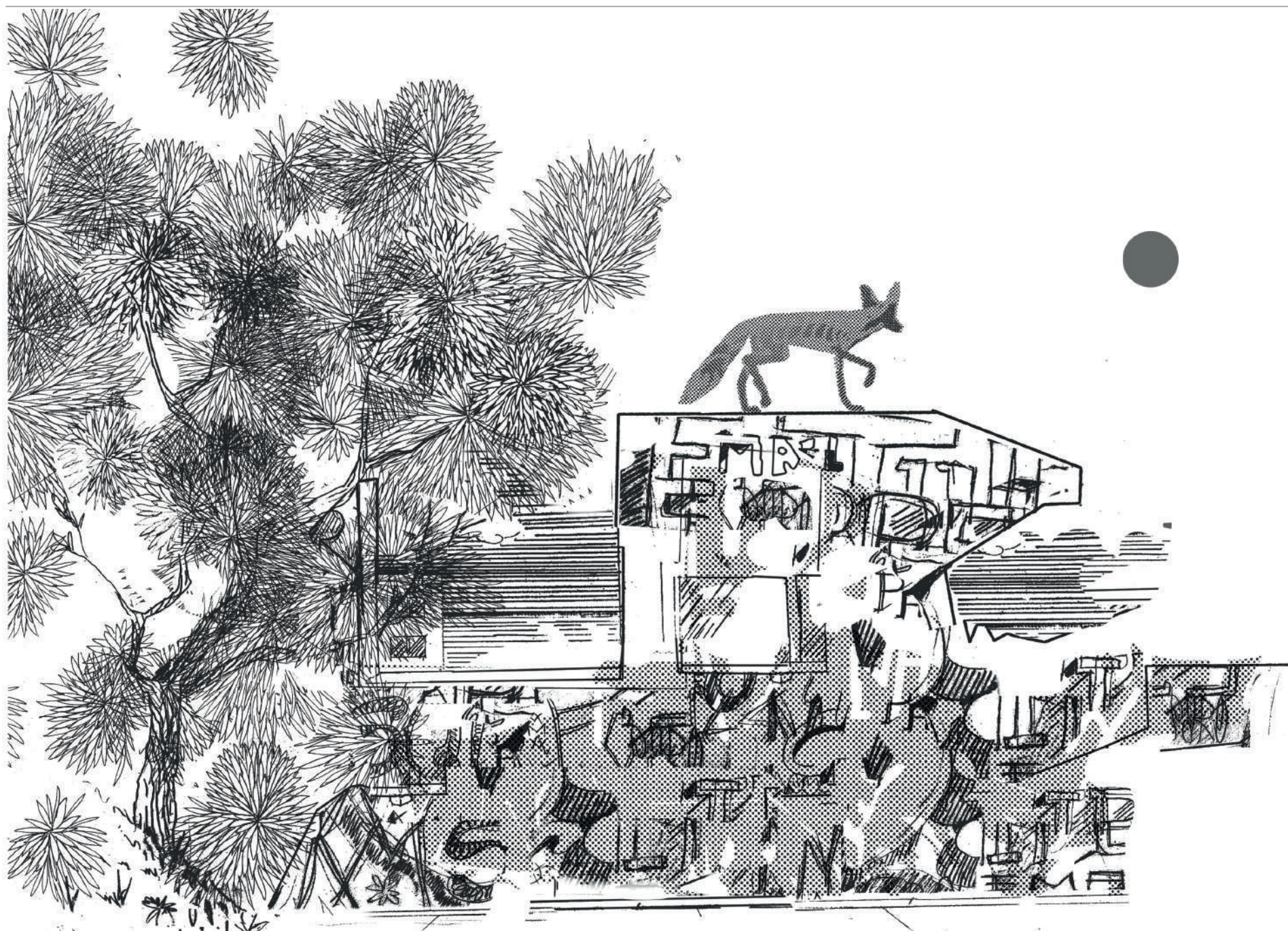


“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em www.caoseletras.com.br e na Amazon



uma das garotas eu levei mais tempo para perdoar, a contragosto, após um desentendimento de semanas com meu elefante. briga silenciosa de ir dormir virado, sabe, que particularmente odeio, e ele bem sabia. caso foi que uma noite voltei bêbada com essa garota que já pensava em como me livrar (*seu elefante me lembra o que o meu namorado me deu*) e, distraída, não dei conta do sumiço do meu elefante. tinha uma vaga lembrança de tê-lo deixado na cadeira com o elefantinho azul. luzes apagadas e cortinas fechadas porque ela só transava assim, um calor danado, um zumbido no ouvido, nada do meu elefante, mas também mal pensava nele, estava enjoada e doida para fazer xixi.

ao retornar do banheiro, o contorno mais escuro na cama eram pernas escancaradas. mergulhei e tateei até o meio unguado em brasa, senti uma elevação abaixo do meu queixo, embaixo dela, menor que um travesseiro e mais macio. bati a mão na luminária e vi meu elefante verde chá olhando pra mim, seu sorriso indecifrável, me fez pensar no amor incondicional de Deus frente ao pecado. ainda que

o meu pecado, aos meus olhos, fosse imperdoável. mas a culpa era dela, sádica e insensível, como se eu não tivesse travesseiros o bastante, eu tinha quatro. com muito custo, teria perdoado naquele instante porque ela estava bêbada e chamado um Uber para expulsá-la da minha casa, se sua perversidade não tivesse me causado um nojo descomunal. *é o que, vai dizer que você não transa com esse boneco?* alucinada, agarrei meu elefante com uma mão e com a outra atingi sua cabeça com a base de ferro da luminária. do som metálico e seco, ela tombou e grunhiu. ficou gemendo no travesseiro ensopado de sangue até desmaiar, questão de poucos segundos.

e meu elefante, pobrezinho, estava úmido e quente, fora contaminado com o mundo e parecia fora de órbita. corri até a pia do banheiro para lavá-lo com água e sabão, percebi que eu também estava suja daquilo tudo e me banhei com ele, pedindo perdão repetidamente. fiz um curativo temporário na cabeça da garota que dormia quase tão doce e inerte quanto meu elefante, em breve a acordaria para chamar uma

ambulância, antes precisava do meu ritual mais elaborado, como se deve cuidar com extremo carinho de alguém que acabou de sofrer um trauma.

abri levemente as cortinas, liguei o ventilador no primeiro modo, encaixei de volta a luminária e a luz baixa e calorosa preencheu o quarto. peguei o elefantinho azul da cadeira e o juntei ao meu elefante verde na ponta da cama, na borda do travesseiro, de modo que parecia que meu elefante verde estava sendo abraçado pelas patinhas compridas do azul. cobri ambos com a ponta do lençol, os beijei. pedi desculpas novamente (era uma série que se iniciava), pensei se devia desligar o ventilador, vai que ele passasse frio dali algumas horas e o calor do lençol se tornasse insuficiente. não, pensei, nossas noites favoritas eram as frescas.



Diana Joucovski (1998) é artesã e escritora. Nasceu e mora em São Paulo (SP).



Navegantes franceses no Brasil Colônia: Relatos de viagem, 1615-1767

Trechos de obra publicada pela Editora Chão, 2026

Jacques Gouin de Beauchesne

Organização e tradução de Jean Marcel Carvalho França

Extrato do diário de uma viagem feita ao mar do Sul pelo senhor Beauchesne, natural de Saint-Malo, durante os anos de 1698, 1699, 1700 e 1701

No dia 23 de abril, encontrávamo-nos a uma latitude de cinquenta graus e dezoito minutos e decidimos rumar para o Rio de Janeiro, aonde chegamos no dia 12 de março. Durante os cinquenta dias de navegação, tempo que levamos para o alcançar, observei não só que as correntes puxavam para o norte, como também que variavam muito mais em altura do que tínhamos estimado.

Permanecemos dois meses no Rio de Janeiro, que é um rio; São Sebastião é a cidade. O porto é exce-

lente; ancoramos em 24 braças de água. A entrada é de norte para sul, e os ventos aí sopram fortes. Normalmente, de manhã vêm de norte e à noite, de sul. Encontramos nesse porto todo tipo de socorro para os navios e víveres e refrescos para as tripulações, mas é preciso estar em paz com os portugueses. Há uma ilha a leste do Rio de Janeiro, que pode ser vista desse porto, de nome Ilha Grande, toda coberta de mata, distante uma légua do continente e três do Rio de Janeiro. Passamos pelo canal, entre essa ilha e o continente, no dia 12 de maio, e cruzamos a linha no dia 8 de junho, sem chuva e sem calmaria, o que não é comum. Ancoramos diante da ilha das Flores no dia 23 de julho, em cinquenta braças de água bastante calma e profunda, a um quarto de légua da terra; no

meio da costa, durante a travessia, notei que o vento soprava constantemente, de leste, de sul e de sudeste.

No dia 24, deixamos a ilha das Flores; encontramos aí todo tipo de mantimentos: carne de vaca, carne de vitela, ovelhas, vinho de Faial, água fresca e fácil de obter; só o ancoradouro que é terrível, mas creio que teríamos conseguido mesmo sob chuva. Partimos no dia 24 e, a caminho de La Rochelle, no dia 3 de agosto, desembarcamos entre o cabo Finisterra e o cabo Ortegal. Depois de reconhecer o lugar, zarpamos rumo ENE para a costa da França. Felizmente, alcançamos o porto de La Rochelle em 6 de agosto do ano de 1701. Encerrou-se assim a viagem ao Mar do Sul, que durou de 17 de dezembro de 1698 a 7 de agosto de 1701.

Outro relato da viagem do senhor de Beauchesne ao Chile, no mar do sul da América, através do estreito de Magalhães

No dia 27, avistamos a terra do Brasil e paramos em Cabo Frio. No dia 1.º de março, à noite, pusemos nossa canoa no mar, sob o comando do sr. de Meillac, nosso segundo capitão, com a incumbência de ir ao Rio de Janeiro cumprimentar o governador, saber notícias de nossos navios e pedir autorização para ancorar na Ilha Grande; vários oficiais acompanharam o sr. de Meillac.

No dia 2, alguns oficiais embarcaram na chalupa e saíram para pescar na costa, onde encontraram muitos portugueses e negros que lhes disseram que se dirigiam para a cidade e que era proibido ancorar ali, o que os obrigou a regressar a bordo.

No dia 3, disparamos um tiro de canhão para chamar o barco; por volta das oito horas, disparamos um segundo tiro; pouco tempo depois, o nosso barco retornou com todos os nossos oficiais, o capitão da guarda do governador e um dos principais oficiais da guarnição, seguido por uma chalupa e uma piroga carregadas de mantimentos, tais como: carne bovina, carne de ovelha, aves, pão, compotas, laranjas, limões e outras frutas. Os oficiais portugueses vieram cumprimentar o sr. de Beauchesne em nome

do governador e oferecer-lhe todos os préstimos; disseram-lhe também que estaria melhor no Rio de Janeiro do que na Ilha Grande.

O sr. Beauchesne recebeu-os com toda cortesia e tratou-os muito bem. A saúde dos reis da França e de Portugal foi festejada pelo barulho da artilharia, que se repetiu várias vezes, e pelos marinheiros franceses que, na partida dos portugueses, saudaram com onze tiros de canhão e com os habituais gritos de vida longa ao rei. Nossos marinheiros foram muito bem recebidos na cidade; foi até mesmo proibido vender-lhes qualquer coisa, tudo o que precisavam lhes era gentilmente ofertado. A cidade chama-se São Sebastião e está situada a leste.

No dia 4, zarpamos para a Ilha Grande e, no dia 8, fundeamos na sua baía. A ilha tem cerca de dezoito léguas de circunferência, é toda montanhosa e muito arborizada em quase toda a sua superfície. Há muitas laranjeiras, limoeiros, figueiras, bananeiras, favas, papagaios, macacos, tatus e tigres — que todas as noites fazem um barulho horrível. Havia outras feras na região, mas eram frequentemente abatidas e foram obrigadas a fugir para o continente. Há na ilha somente uma aldeia habitada por portugueses e por vários escravos, onde estão instalados dois conventos.

No dia 31, voltando do continente numa canoa, a três léguas do nosso navio, avistei uma embar-

cação no mar, que reconheci pela sua envergadura. Impossibilitado de ir até ela, subi a bordo para avisar o sr. de Beauchesne, que mandou nossa canoa fazer o reconhecimento. A nossa chalupa, que voltava de terra com o nosso abade, reconheceu o Maurepas e seguiu em sua direção, levando os mantimentos que trazia a bordo. Lá chegando, encontrou o sr. de Terville muito mal; ele havia passado um mês no local do primeiro encontro nos aguardando e, depois de muito esperar, resolveu seguir para o local do segundo encontro.

No dia 1.º de abril, o sr. de Beauchesne aproximou-se do Maurepas, onde foi saudado com sete tiros de canhão, que foram respondidos tiro por tiro pelo nosso navio. Era indescritível a alegria das duas tripulações. O sr. de Terville disse-nos que, desde a rajada de vento que experimentamos no dia 29 de janeiro, não tivera nenhuma notícia do Belle Nouvelle. O Maurepas ancorou na enseada que leva o nome do sr. de Gennes, e nós o ajudamos a fazer aguada e a recolher lenha.

O Brasil é habitado por portugueses, um povo muito dado ao prazer, extremamente preguiçoso, arrogante e ciumento. Os únicos serviços de que dispõem são escravos negros, aos quais tratam pior do que aos cães, e sempre que se dirigem a eles é a porreta-das. As mulheres também vivem na escravidão, não ►



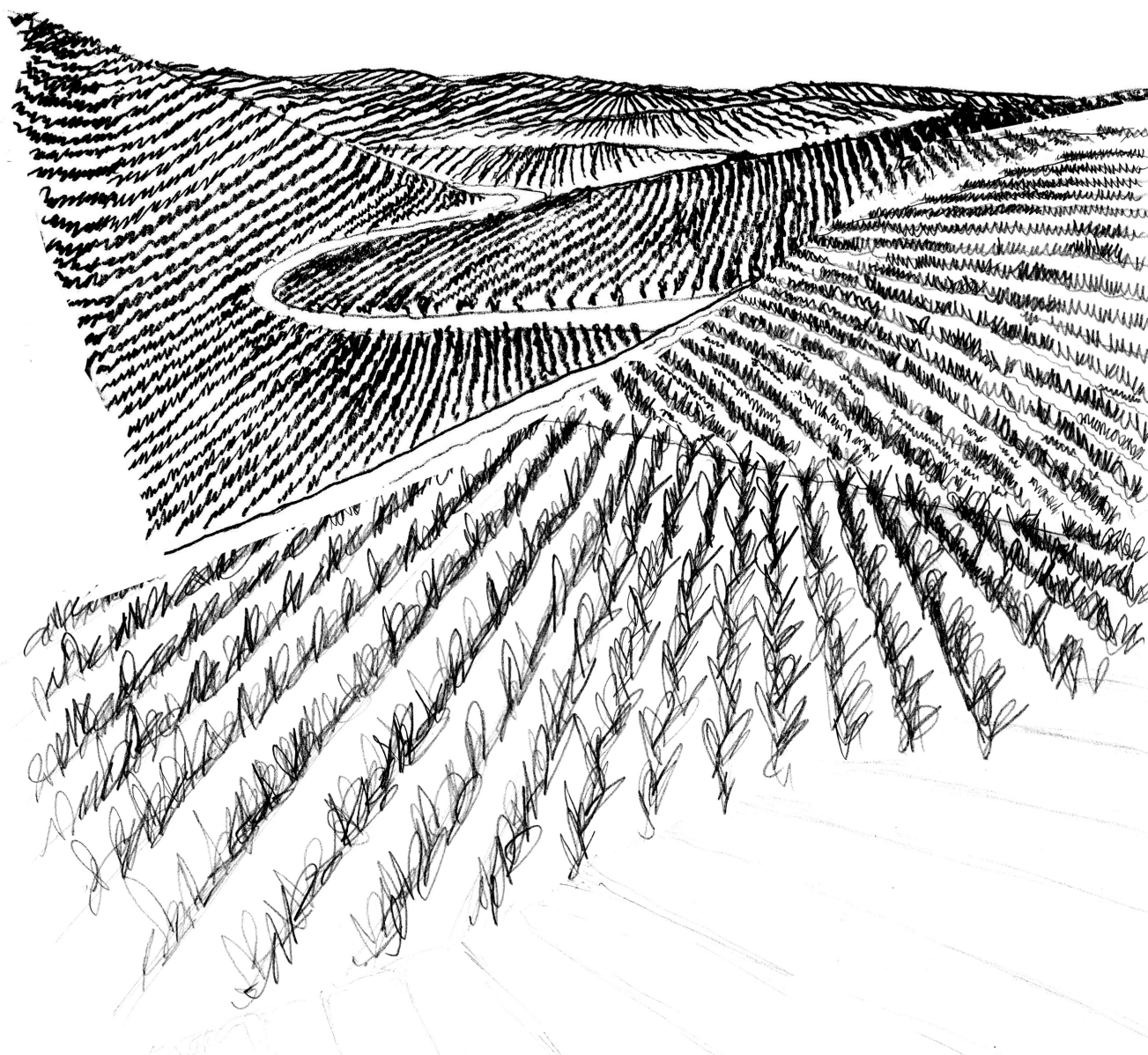
desfrutando de nenhuma liberdade; se um amigo do marido visita a casa, a esposa desaparece. Os homens, desde jovens, são viciados em mulheres e, a partir do momento em que saem da concha, são compelidos a ter um caso de amor — e seus pais não poupam dinheiro para sustentar tais aventuras. As mulheres, por sua vez, são astutas e sabem como se vingar da infidelidade de seus maridos; pode-se mesmo dizer que não há na cidade uma única que não esteja metida em alguma intriga amorosa, sobretudo com a gente da Igreja, que aproveita do privilégio de ter livre acesso a todas as casas. Daí, quase todos os homens, inclusive os religiosos, serem portadores de males venéreos. Não se trata somente de “ouvir dizer”; um de nossos cirurgiões tratou diversos deles, de ambos os sexos. As esposas, por sua vez, são tão ciumentas quanto os homens e, se descobrem as intrigas de seus maridos, os matam a ferro ou a veneno. As mulheres nunca saem às ruas sem uma capa, que as cobre da cabeça aos pés, deixando à mostra somente o canto do olho, mas, quando veem alguém por quem têm interesse, dão uma piscadela, o que significa que querem marcar um encontro; em casa, andam descalças e descobertas,


com os cabelos presos com grandes tufos de fitas; se os maridos ciumentos estão ausentes, por mais contidas que sejam em sua presença, mandam os escrúpulos às favas e distribuem suas gentilezas, sempre mantendo um negrinho à espreita, de modo a evitar surpresas. Em tais ocasiões, vestem uma camisa muito fina, com o colarinho e os punhos debruados de seda e trabalhados, peito todo descoberto e uma saia leve e clara. Os homens andam sempre com uma espada longa do lado direito e um punhal do lado esquerdo; os índios, ao contrário dos brancos, que não alcançam a velhice por conta das doenças venéreas, vivem muito.

No dia 1.º de maio, o navio do sr. de Terville fez uma descarga de artilharia, com gritos de vida longa ao rei, para saudar o sr. de Beauchesne, homônimo do padroeiro do dia, o que regozijou os oficiais de ambos os navios. No dia 5, por volta das dez horas da manhã, zarpamos com um vento suave e contornamos a Ilha Grande. No dia 7, por volta das dez horas da manhã, vimos um bergantim dar sinal ao Maurepas para o seguir e, quando estava ao alcance do canhão, disparou um tiro sem bala. O sr. de Terville recolheu as velas

e, não dispondo nem de canoa nem de chalupa, mandou baixar sua própria canoa e enviou o seu segundo capitão ao bergantim. Pouco depois, o capitão voltou e trouxe consigo um senhor, que nos explicou que saíra do seu fornecedor e que levava geleias e marmeladas para o Rio de Janeiro, mas que começara a ficar sem água a bordo. O sr. de Beauchesne mandou que lhe entregassem um barril dos seus; logo que embarcou no bergantim, o senhor cumprimentou-nos com três tiros de morteiro, respondemos com um tiro de canhão e agradeceram-nos com três tiros de morteiro; no mesmo dia vimos um segundo bergantim, mas a noite caiu e impediu-nos de abordá-lo.

No dia 28, tivemos vento contrário e, depois de passar por um vendaval terrível, durante o qual a vela principal foi rasgada e o mastro do leme quebrado, fomos obrigados a retornar ao Rio de Janeiro e aguardar lá um tempo propício para passar o estreito de Magalhães — depois de ter cruzado a linha encontramos estações opostas às da Europa. No dia 29, com o vento calmo e favorável, o mar sossegado, seguimos para o estreito de Magalhães.



 **Jacques Guoin de Beauchesne** (1652-1730) foi um marinheiro francês.
Jean Marcel Carvalho França (1966) é professor e historiador. Atualmente, vive em Franca (SP).

redemacuco.com.br
20 anos



Vendo E ouvindo coisas?

Aí acho que é melhor procurar ajuda

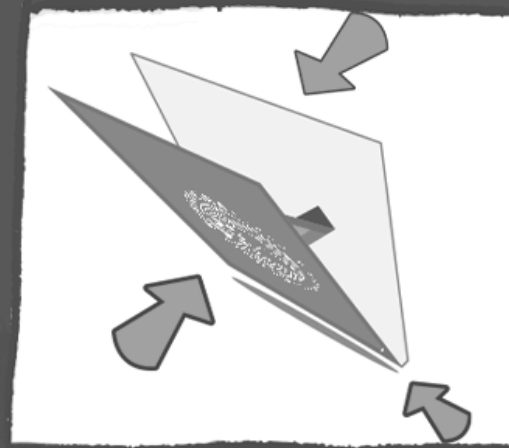
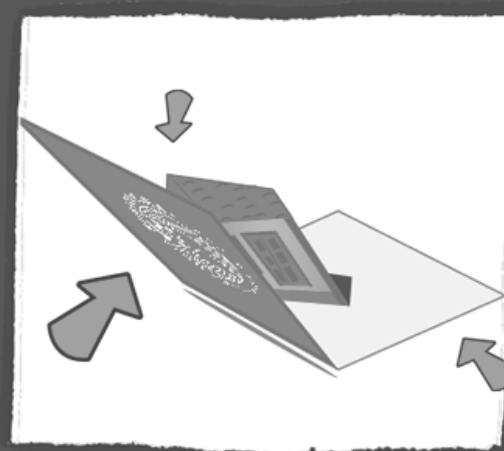
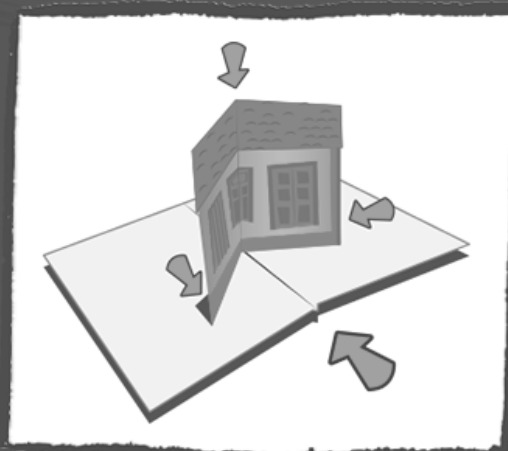


MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

6ª FLIJJUN

FESTA LITERÁRIA JULIA NASCIMENTO

3, 4 E 5 DE JULHO



LIVRARIAS FECHAM, LIVROS SE ABREM.

Evento Gratuito!

PATROCÍNIO:



APOIO:



REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA CULTURA





Os caprichos do Dr. Délcio

Alexandre Duim

Atende aos caprichos do Dr. Délcio com profundo desgosto. Ninguém gosta do Dr. Délcio. Provavelmente, nem a família. Só os amigos do Tennis Club, a quem trata com menos desdém. Esnobe. Nem os *stakeholders* da Moreira Sales Incorporações suportam aquele homem. Mas ele é o dono da porra toda, fazer o quê. Típico empresário que fez fortuna nos anos 90. Atropela quem atravessa seu caminho – sempre de maneira honesta. Encucou que o escritório que melhor atende é o de Bárbara. Pleiteou pelos projetos dela. Como remuneraram um pouco acima da média, ela atende a empresa e aos caprichos do Dr. Délcio. Com profundo desgosto. Hoje, especificamente, o desgosto é um pouco maior por causa da dor invisível. Dor no baixo ventre, sempre enfrentada em silêncio, sem nunca parar de trabalhar. Lidar com gente pedante já é chato. Com cólica é uma merda. Por outro lado, toda babaquice acumulada do Dr. Délcio nunca descambou pro assédio. Desde os tempos de estagiária, a ideia de precisar da presença masculina como escudo já era um absurdo. O medo de ir sozinha às visitas com clientes. A necessidade de ter um homem por perto pra evitar abordagens invasivas, convites, comentários inapropriados. Shit! De lá pra cá, muita coisa

aconteceu. Os desafios são outros. Com o avançar da idade, ela se impõe melhor. Experiência? Autoridade? Precisa suportar os excessos, muitas vezes calada, pra obter respeito. Pega o celular. Vê fotos do filho. Ri. Ele é um presente do Universo. A vontade é de chegar logo em casa e o agarrar, amassar. Conciliar o sonho de ser mãe com o sonho de carreira sólida é foda. Se lembra do conflito. Do malabarismo. De quando decidiu pausar o trabalho e se dedicar à maternidade. Se lembra da dor que dói muito mais do que o desconforto menstrual de hoje. Mais que o parto. A dor de ter que voltar a trabalhar com Ravi recém-nascido. Certa vez precisou levá-lo a um canteiro de obras. Chora. Lá pelas tantas, se limpa, se veste, sai do banheiro e volta pra reunião com Dr. Délcio, a quem atende aos caprichos.



Alexandre Duim (1981) é comunicólogo. Nasceu e mora em Brasília (DF).



Galinhas e Gorilas é uma comédia que acompanha a militarização do Estado brasileiro desde a redemocratização e contada através da história de quatro figuras absurdas: Abraham Lincoln Oliveira da Silva, o Mr. X, o Sargento Caolho e o Maicon. A estrutura do livro é de duas verdades e uma mentira, mas eu já nem me lembro mais o que realmente aconteceu e o que não. O Abraham é bolsonaro roxo, o Mr. X não existe, o Sargento Caolho é um cara bem normal. O Maicon? O Maicon é você. Não olhe para trás.



“Meu pai não reconhecia o valor do pragmatismo, ele achava que as coisas se originavam do ar, que Deus vai construindo a fortuna dos mercedores com tijolos invisíveis. Deus, hoje sabemos, é nossa arma. Ele dispara para onde a gente aponta.”

Basílio Baran, Editora Letramento. Pré-venda nacional e com desconto especial para Curitiba e região, até 09/05 **Todas as informações no Instagram do autor: @basiliobaran**



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC

Karla Baptista
Nutricionista do idoso

Intestino, força e alimentação
no dia a dia

CRN-8 15569
@karlacostabap
(41) 98402-3822



Pontos de distribuição do Jornal RelevO (é só chegar e pegar!)

Alagoas

MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amapá

MACAPÁ
Biblioteca Pública Elcy Lacerda

Amazonas

MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Edipoeira

Bahia

JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria
Escariz

Ceará

FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
JUAZEIRO DO NORTE
Solaris Sebo

Distrito Federal

BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria Quanto Café

Paradeiro 309

Espírito Santo

ANCHIETA
Lúcia Livraria
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAÍZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar
SÃO MATEUS
Livraria Sebo & Arte
VITÓRIA
Catraia Livros e Leitura
Cheiro de Livro Sebo

Goiás

GOIÂNIA
Casa Pomar
Livraria Palavrear
MARANHÃO
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária
MATO GROSSO
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE
Banca Modular Hámor Livraria
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura

Minas Gerais

BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro Editora UFMG
Livraria Casa Literíssima
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA

Livraria da Praça

ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ

Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA

Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Maranta Livraria
Domus Brasilis Livraria
Maru Café Especial
Livraria Plural
Sabiá Livros
Samsara Espaço Esotérico

Pará

BELÉM
Casa Arari Livraria e Cafeteria
Livraria Boiúna
Rede Amazônia Literária

Paraíba

JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
SOLÂNEA
Binário Café

Paraná

ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora EL Grano
Porão Cavallo Baio
CIANORTE
Café 513

COLOMBO

Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café

Ateliê CADERNO LISTRADO

Baba Salim
Bardo Tatará
Bar do Dante
Bar Invasão do Teatro
Bar Makiolka
Bar Otelo Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brains Coworking
Café 217

Café Cultura (Cabra)l
Café do Canto
Café Degusto
Café Encantado
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Caffé Per Tutti Centro
Caffé Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Casa Pagu
Casa Portfolio
Cataia Bar
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Cordelo Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.

Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Estúdio Riachuelo
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Floreria Café Bar
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grân's Café
Grimm Haus Sebo & Livraria
Hype Brasil
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria do Chain
Livraria Vertov
Love City
Lynk Gastrô
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Mad Jack Beer Lab
Maitê Livros
Mamãe Urso Café

Manana Café
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador Bar
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Reis
Rango de Planta
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guairá Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telarlanha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade

UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
Waamo Bar
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES

Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde

Pernambuco

PETROLINA
Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste Casa Mendez
Livraria da Praça Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

Piauí

TERESINA
Café Quatro Estações
RIO DE JANEIRO
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS

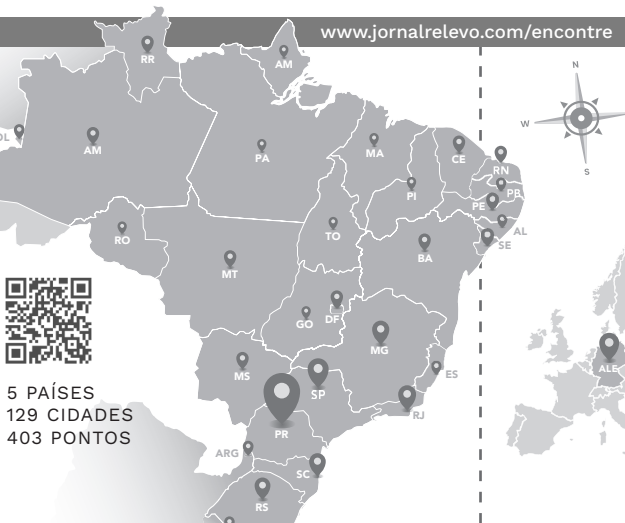
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NITERÓI
Livraria Ponte
NOVA FRIBURGO
Dona Emilia Books
Jenipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria
Casa Marx
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Prefácio
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triunfo Livraria
TRES RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Beleléu Comics
Diadorim Livros e Ideias Pontual Shopping
Livraria Flamingo

Rio Grande do Norte

NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária
RIO GRANDE DO SUL
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAPÃO DA CANOA
Livraria Praiamar
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Brasa Editora Livraria e Bar
Café & Galeria Devora
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabah
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
Zine Bar & Livraria
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM
SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro
SÃO FRANCISCO DO SUL
Miragem Livraria

Rondônia

CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
PORTO VELHO
Sebo Entrelinhas
VILHENA
Dom Quixote Livraria
RORAIMA
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café
SANTA CATARINA
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaiaí Café ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Mariana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS



5 PAÍSES
129 CIDADES
403 PONTOS

O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Ambiente Arejado
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
LAGUNA
Livraria Coruja Buraqueira
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria
VALINHOS
Livraria Armazém

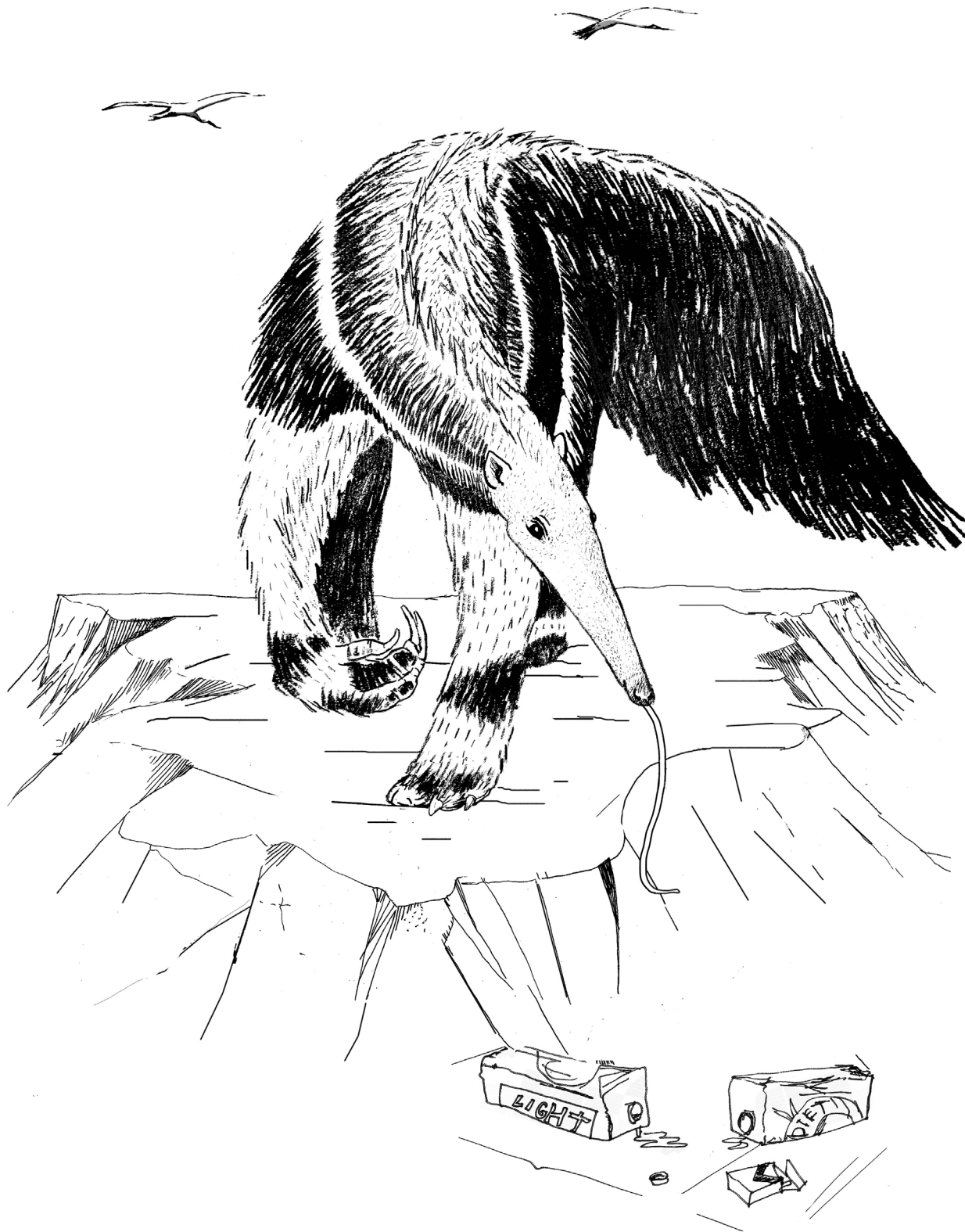
São Paulo

AMPARO
Livraria Murad Sebo
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulvros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
POÁ
Rara Books Livraria
RIBEIRÃO PRETO
A Degustadora de Histórias
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Livraria Sol e Lua
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO BERNARDO DO CAMPO
Mandú Café
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
CAÇADOR
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Livraria Mantiqueira
Livraria e Papelaria Arno Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bibla
Boutique dos Livros
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasilis
Casa Cosmos
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Clarice Café & Cozinha
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Espaço Sophia
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
La Libreria
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
LiteraSampa - IBEAC
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
Nigra Koro Distro
O Bode Quirino Café e Livraria
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Selecta Livros
Sissi Café Boutique
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe

ARACAJU
Livraria Escariz
TOCANTINS
PALMAS
Sebo da Vovó
ALÉM DAS FRONTEIRAS
ESSEN (ALEMANHA)
Pension Pöters
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Libreria de Iguazú
LETICIA (COLOMBIA)
CUBO Blanco Galeria de Arte & Café Cultural
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Livros



Andreia C. Faria (1984)
é poeta portuguesa.

Um desenho do meu corpo, de repente.

Andreia C. Faria

Um trapézio
bambo e desunido, com pontas excrescentes,
uma rosa no fundo das costas
com o gosto do húmus, o mofo das caves
é mais acima a dor
ciática, o lóbulo queimado
por magia ou vingança,
E o gosto por cantigas populares,
o cálice venéreo,
a pronúncia da terra, impúdica,
a língua aberta e desfolhando-se, a escaldar.

O corpo é cheio, já se sabe, de nervos e ressaltos
raramente líricos
cheio da lembrança do negrume e da pobreza,
à garganta espinhosa do sexo,
os pés calcados,
o primeiro milho nos currais da humilhação.

Chega-se muito resumidamente a velho.
A criança espera ao domingo o infalível
osso fluorescente, oferecido com o jornal,
o estupendo osso da mandíbula de um dinossauro
de quem virá a ser, desfeita
a impura impressão de beleza,
um digno contemporâneo.
